



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

GUILHERME POPOLIN

**MEMES DE DISCUSSÃO PÚBLICA:
O MITO POLÍTICO DO COMUNISMO NO FACEBOOK**

Londrina
2018

GUILHERME POPOLIN

MEMES DE DISCUSSÃO PÚBLICA:
O MITO POLÍTICO DO COMUNISMO NO FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Departamento de Comunicação – do Centro de Educação, Comunicação e Artes (CECA) – da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Dourado Bastos.

Londrina
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

P829m Popolin, Guilherme.

Memes de discussão pública : o mito político do comunismo no facebook /
Guilherme Popolin. - Londrina, 2018.
102 f.: il.

Orientador: Manoel Dourado Bastos.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em
Comunicação, 2018

Inclui bibliografia.

1. Memes (Internet) - Teses. 2. Mito. - Teses. 3. Redes sociais. - Teses. 4.
Comunismo - Teses. I. Bastos, Manoel Dourado. II. Universidade Estadual de
Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em
Comunicação. III. Título.

CDU 316.77



Universidade
Estadual de Londrina



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

Guilherme Popolin

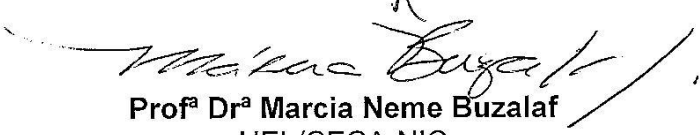
**Título: "MEMES DE DISCUSSÃO PÚBLICA: O MITO POLÍTICO DO
COMUNISMO NO FACEBOOK"**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Comunicação da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof. Dr. Manoel Dourados Bastos (Orientador)
UEL/CECA-NIC


Prof. Dr. Kennedy Piau Ferreira
UEL/CECA-ARTE VISUAL


Profª Drª Marcia Neme Buzalaf
UEL/CECA-NIC

Londrina, 22 de março de 2018.

À Sueli Popolin, Wagner Popolin e Vinicius Popolin

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai sinônimos de apoio, amor e carinho incondicionais. Sueli Popolin e Wagner Popolin, devo tudo o que sou e tudo o que tenho a vocês. Ao meu irmão Vinicius Popolin, pelos conselhos, pela paciência e pelas caronas.

À minha tia professora Cássia Popolin, por me acolher, por me dar segurança e por me fazer sonhar mais alto. À minha prima e irmã Juliana Popolin Beretta, pela cumplicidade e pelas risadas.

Às melhores pessoas que poderiam estar comigo durante o mestrado, Thiago Ramari, Renata Cabrera e Rafaela Martins. Fiz um sorteio para escolher a ordem em que escreveria os nomes de vocês, pois sou igualmente grato aos três. São tantas lembranças boas entre cafés, dramas, conselhos e viagens que consigo lembrar até dos perrengues com amor.

À Beatriz Pozzobon por me ajudar a sair da zona de conforto lá em 2015. Pelas infinitas trocas acadêmicas ou não, pelos conselhos e pela amizade que nada abala. À Mônica Alves, Marina Dias e Karina Cosntancio sempre no coração.

Ao Lucas Pinheiro, ao Lucas Peresin e à Fabiane Galliano. Pelo papo firmeza e amizade que não quebra. Afinal, na vida, a gente precisa ter atitude, né, Karin?

Ao meu orientador, professor Manoel Dourado Bastos pela confiança, autonomia e respeito.

Aos professores Márcia Neme Buzalaf e Kennedy Piau Ferreira por terem aceitado participar da banca de defesa.

Ao professor Beto Klein e ao Programa de Mestrado em Comunicação da UEL por possibilitar o início da minha caminhada pelo mundo acadêmico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A bolsa de estudos concedida permitiu minha dedicação exclusiva sobre esta pesquisa.



**ENTRANDO NO
MESTRADO**



**SAINDO DO
MESTRADO**

POPOLIN, Guilherme. **Memes de discussão pública: o mito político do comunismo no Facebook**. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2018.

RESUMO

Os memes políticos da internet carregam mensagens, informações, ideologias, estereótipos e, também, mitologia. Os mitos políticos (GIRARDET, 1987) fervilham no imaginário político da população em épocas de crise ou de ruptura. Este trabalho busca compreender de que maneira os memes políticos de discussão pública reatualizam o mito político do comunismo no Brasil. A pesquisa segue a categorização de memes da internet (SHIFMAN, 2014) e uma proposta taxonômica para memes políticos que os divide em memes de persuasão, memes de ação popular e memes de discussão pública (CHAGAS et. al., 2017). A análise de conteúdo (HSIEH & SHANNON, 2005) leva em consideração também os estilos e os tipos de humor propostos por Taecharungroj e Nueangjamnong (2015) para memes do site de rede social Facebook. Os memes coletados na página *O Retrógado*, do Facebook, são analisados conforme a fundamentação teórica da pesquisa sobre a direita política no Brasil (SILVEIRA, 2015), o comunismo no Brasil (SCHWARCZ, 2015) e os efeitos da crise no imaginário de parte da população (AB'SABER, 2015).

Palavras-chave: Memes de discussão pública. Mitos políticos. Comunismo. Internet.

POPOLIN, Guilherme. Memes of public discussion: the political myth of communism on Facebook. 2018. 102 p. Dissertation (Master's Degree in Communication) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2018.

ABSTRACT

The internet's political memes carry messages, information, ideologies, stereotypes and, also, mythology. Political myths (GIRARDET, 1987) boil in the population's political imagination in times of crisis or rupture. This paper seeks to understand how the political memes of public discussion re-actualize the political myth of communism in Brazil. The research follows the categorization of internet's meme (SHIFMAN, 2014) and a taxonomic proposal for political memes that divides them into memes of persuasion, memes of popular action and memes of public discussion (Chagas et al., 2017). Content analysis (HSIEH & SHANNON, 2005) also takes into account the styles and types of humor proposed by Taecharungroj and Nueangjamnong (2015) for memes of the social networking site Facebook. The memes collected on Facebook's page *O Retrógrado* – or The Retrograde – are analyzed according to the theoretical basis of the research on the political right wing in Brazil (SILVEIRA, 2015), communism in Brazil (SCHWARCZ, 2015) and the effects of the crisis on the part of the population's imaginary (AB'SABER, 2015).

Keywords: Memes of public discussion. Political Myths. Communism. Internet.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gêneros de memes da internet.....	20
Tabela 2 - Gêneros dos memes da internet divididos em grupos	21
Tabela 3 - Gêneros dos memes políticos	71
Tabela 4 - Tipos de humor	72
Tabela 5 - Memes sobre o mito político da Conspiração	101
Tabela 6 - Memes sobre o mito político da Era de Ouro.....	101
Tabela 7 - Memes sobre o mito político do Herói Salvador.....	101
Tabela 8 - Memes sobre o mito político da Unidade.....	101
Tabela 9 - Imagens e memes que não se enquadram em um conjunto mitológico específico	102

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Meme político persuasivo.....	19
Figura 2 - Meme político de ação popular	19
Figura 3 - Meme político de discussão pública.....	19
Figura 4 - Meme de discussão pública com justaposição	22
Figura 5 - Meme de discussão pública com movimento congelado.....	22
Figura 6 - Meme político de discussão pública.....	27
Figura 7 - Meme de discussão pública com humor de comparação.....	30
Figura 8 - Meme de discussão pública com humor de personificação.....	30
Figura 9 - Meme de discussão pública com humor de exagero	31
Figura 10 - Meme de discussão pública com humor de trocadilho.....	31
Figura 11 - Meme de discussão pública com humor sarcástico	32
Figura 12 - Meme de discussão pública com humor nonsense	32
Figura 13 - Meme de discussão pública com humor surpresa	33
Figura 14 - Memes de persuasão que demonizam o comunismo.....	59
Figura 15 - Meme de discussão pública com heróis anti-comunistas	60
Figura 16 - Memes de discussão pública que propagam o mito político da Era de Ouro	61
Figura 17 - Meme de discussão pública que remete ao Mito político da Unidade	62
Figura 18 - O comunismo e a agressividade	73
Figura 19 - O comunismo e a agressividade	74
Figura 20 - Comunismo e a fome	75
Figura 21 - Comunismo e a fome	76
Figura 22 - Comunismo contra o conservadorismo	77
Figura 23 - O comunismo e a ameaça	79
Figura 24 - Os comunistas e os ratos.....	79
Figura 25 - O comunismo e a educação	80
Figura 26 - Suposta doutrinação nas escolas.....	82
Figura 27 - Hillary Clinton comunista	82
Figura 28 - Protesto contra Trump, em Austin (Texas)	83
Figura 29 - Che Guevara e Fidel Castro.....	84
Figura 30 - O comunismo e a fome	85
Figura 31 - O comunismo e a fome	86

Figura 32 - O comunismo e a pobreza	86
Figura 33 - Os comunistas e o capitalismo.....	87
Figura 34 - Comunista que apoia comunista	88
Figura 35 - Papa comunista	89
Figura 36 - Papa com a Rainha Elizabeth II, com o presidente do Quênia Uhuru Kenyatta, com Melania Trump e o presidente dos EUA Donald Trump	89
Figura 37 - A teoria do comunismo é.....	90
Figura 38 - Comunismo surpresa	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O MEME DA INTERNET.....	11
1.1 Os gêneros dos memes	17
1.1.2 Memes políticos de discussão pública.....	23
1.2 O Humor dos memes	29
2 A DIREITA	35
2.1 A direita e a esquerda na história	35
2.1.1 Direitas brasileiras	38
2.1.2 O comunismo no Brasil	42
2.2 A direita online.....	45
2.3 Mitologia do comunismo brasileiro.....	52
3 OS MITOS.....	56
3.1 Os mitos políticos	57
3.1.1 A Conspiração	62
3.1.2 O Herói Salvador	64
3.1.3 A Era de Ouro.....	65
3.1.4 A Unidade	66
3.2 Imaginário social: a morada dos mitos.....	67
4 A REATUALIZAÇÃO DO REACIONARISMO.....	71
4.1 Humor de comparação	72
4.2 Humor de personificação	78
4.3 Humor de exagero.....	80
4.4 Humor de trocadilho	84
4.5 Humor Sarcástico	85
4.6 Humor nonsense.....	87
4.7 Humor surpresa	90
Considerações finais	96

Referências bibliográficas.....	98
ANEXOS	101

INTRODUÇÃO

A pesquisa que deu origem a este trabalho nasceu a partir dos anseios do autor em compreender a ascensão de movimentos reacionários em determinados segmentos da sociedade brasileira, os quais interferem, sobretudo, na política. Os memes da internet apresentam-se hoje como uma ferramenta poderosa para a disseminação de informações. Entretanto, muitas mensagens propagam mentiras, discursos de ódio e senso comum. Este estudo estabelece as relações entre os conteúdos carregados pelos memes e a reatualização do mito político do comunismo no contexto da história contemporânea do Brasil.

Desde as jornadas de junho de 2013 e das eleições presidenciais de 2014, o Brasil enfrentou recorrentes manifestações de insatisfações, por parte da população, contra o governo. Tais manifestações, endossadas pelo capital financeiro e pela mídia hegemônica, legitimaram o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. Nesse contexto, a internet e as redes sociais fervilham em debates acalorados entre a “direita” e a “esquerda”. O Mito da Idade de Ouro, o Mito do Herói Salvador, o Mito do Império das Trevas e o Mito da Unidade (GIRARDET, 1987) encontram território fértil para propagarem-se por meio dos memes da internet.

A internet e os sites de redes sociais¹ dão espaços para que muitos grupos sociais historicamente oprimidos tenham voz e possam se expressar. Entretanto, este trabalho busca fazer um contraponto ao mostrar que grupos reacionários e conservadores também utilizam a rede para propagar suas concepções de mundo. De acordo com os organizadores do livro *Direita, volver!* (2015), existem poucos trabalhos acadêmicos sobre a direita, em comparação com os trabalhos que estudam as políticas de esquerda, fato que é indicado como um dos motivos da incompreensão das manifestações de direita da atualidade.

Para discutir estas questões, o primeiro capítulo desta dissertação aborda as definições e classificações de gênero dos memes. A origem do termo meme vem da biologia (DAWKINS, 2007) e foi apropriado para se referir aos memes da internet. Os memes caracterizam um fenômeno de linguagem, propagado na web, principalmente em sites de rede social, responsáveis pela disseminação de informações

¹ Um site de rede social é uma plataforma em que os participantes se comunicam por meio de perfis de identificação única, com conteúdos produzidos pelo usuário, por outros usuários e/ou pelo sistema. As conexões entre os participantes podem ser vistas e cruzadas por outros. Os usuários podem produzir, consumir e interagir com conteúdos gerados por meio de suas conexões no site (ELLISON; BOYD, 2013. apud RECUERO, 2015).

– nem sempre verídicas –, carregadas de humor e ironia sobre fatos do cotidiano. *Photo Fads, Flash Mobs, Reaction Photoshops, Lipsync, Misheard Lyrics, Recut Trailers, LOLCats, Rage Comics e Stock Character Macros* são gêneros de memes da internet identificados por Shifman, 2014.

A proposta taxonômica de Chagas et. al. (2017) para memes políticos – memes de persuasão, memes de ação popular e memes de discussão pública – é utilizada para a separação dos memes analisados nesta pesquisa, os de discussão pública. Para a definição do corpus empírico, os objetos da pesquisa foram coletados na página *O Retrógrado* do site de rede social Facebook. Por isso, a classificação dos objetos também se dá pela classificação de Taecharungroj e Nueangjamnong (2015) em quatro tipos e sete estilos de humor para os memes do Facebook.

Segundo Recuero (2014), o Facebook, assim como outros sites de rede social, constroi o espaço social a partir de sua apropriação simbólica. As práticas ressignificam seus usos, proporcionando e mantendo novas formas de conexão social. Os valores associados e gerados pelos sites de rede social formam o capital social, de acordo com sua função. Ações sociais dentro de um site de rede social, fazer parte de uma rede e estar conectado são exemplos de atividades que aumentam o capital social. Para uma compreensão mais aprimorada sobre os memes da internet como imagens técnicas e sobre os elementos que permitem que tais memes carreguem mensagens mitológicas a favor de movimentos reacionários, os estudos de Walter Benjamin (2017) incluem-se nesta pesquisa com o objetivo de buscar e desenvolver uma análise equilibrada.

A divisão histórica e as demais nuances entre a direita e a esquerda são sinteticamente tratadas no capítulo dois, para facilitar o entendimento dos grupos que atualmente são chamados de direita ou de esquerda no Brasil. O objetivo do capítulo é trazer à tona as características da direita presentes nos objetos dessa pesquisa, já que a direita se mostra organizada na internet, com o objetivo de propagar seus ideais (SILVEIRA, 2015). O histórico do comunismo do Brasil no imaginário político da população e a crise que levou à derrocada do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) também são explanadas.

O terceiro capítulo apresenta os quatro conjuntos mitológicos propostos por Girardet (1987): a Conspiração, a Idade de Ouro, o Salvador e a Unidade. A imaginação social que sustenta o florescimento dos mitos tem o aporte teórico em

Bronislaw Baczko (1985), por meio da apresentação de estratégias simbólicas que amparam a manutenção do poder político, legitimam violências e autenticam dispositivos de repressão. A mitologia também apresenta um caráter de explicação e a de resolução acerca de problemas incompreendidos pelas sociedades, principalmente em momentos de crises. Apesar do mito do comunismo no Brasil se enquadrar nas características do Mito da conspiração, os outros três mitos identificados por Raoul Girardet são estudados, pois um tipo ajuda a sustentar o outro em uma intrincada rede mitológica.

Foram coletadas 2.947 imagens postadas pela página *O Retrógrado*², no período de 17/07/2016 até 18/08/2017, data em que a página apresentava 231.067 fãs e 232.543 seguidores. Do total de 2.947 arquivos, imagens repetidas e imagens de cunho publicitário foram deletadas. Restaram 2.605 imagens, das quais 2.322 foram enquadradas como memes da internet pertencentes a um dos quatro conjuntos mitológicos propostos por Raoul Girardet: a Conspiração, a Era de Ouro, o Herói Salvador e a Unidade. Cada conjunto foi subdividido por temáticas relacionadas. Os memes sobre *feminismo*, *“ideologia de gênero”*, *intolerância religiosa*, *Partido dos Trabalhadores*, *Movimentos Sociais e Esquerda* fazem parte do conjunto mitológico da Conspiração. Já os memes sobre *Ditadura Civil-Militar e Modos de Vida* fazem parte do conjunto mitológico da Era de Ouro. Os mitos em torno da figura de um Herói Salvador são moldados de acordo com duas subdivisões, *Jair Bolsonaro e Donald Trump*. Por último, o conjunto mitológico da Unidade foi subdividido em *Animais domésticos*, *Drogas*, *Educação*, *Família*, *Nacionalismo*, *Polícia e criminalidade*, *Política*, *Porte de Armas*, *Racismo*, *Cristianismo e Valores*. Tabelas com os valores correspondentes a cada conjunto mitológico e um CD com todo o acervo encontram-se anexados ao final deste trabalho.

O capítulo quatro apresenta a análise dos memes sobre o comunismo, os quais foram selecionados a partir da subdivisão *Esquerda*, a partir dos memes do conjunto da Conspiração. Para uma análise mais elaborada, optou-se por dividir os memes de discussão pública sobre comunismo de acordo com os tipos de humor de Taecharungroj e Nueangjamnong (2015): o humor de comparação, o humor de personificação, o humor de exagero, o humor de trocadilho, o humor sarcástico, o

² Todos os memes – os que contém a marca d’água com o nome da página ou não – foram coletados a partir da página *O Retrógrado* no Facebook. Algumas imagens que não foram coletadas na página *O Retrógrado* estão devidamente identificadas ao longo desta dissertação.

humor nonsense e o humor surpresa. Identificou-se 57 memes da internet sobre o comunismo, sendo 34 de discussão pública. 15 memes de discussão pública foram pulverizados ao longo deste trabalho para exemplificar trechos da fundamentação teórica. Os 19 memes restantes foram analisados de maneira mais aprofundada no quarto capítulo. A fonte dos memes, como indicado abaixo das figuras, é a página do Facebook *O Retrógrado*. Por ser uma fonte online sob a tutela de seus emissores e do site de rede social onde é hospedada, realizou-se um backup das 2.605 imagens, o que se mostrou fundamental para o andamento da pesquisa. A página foi excluída do Facebook, porém, como o objetivo deste trabalho é analisar os memes em si e não seus instrumentos de propagação ou a recepção, a pesquisa não foi prejudicada.

Dessa maneira, este trabalho busca compreender como os memes políticos de discussão pública atuam na reatualização do mito do comunismo no Brasil. O objetivo é realizar uma análise de conteúdo para aferir de que forma os elementos dos memes, identificados como memes de discussão pública, provocam a reatualização do mito do comunismo no Brasil. A análise tem como base os preceitos do comunismo vislumbrados por Karl Marx e Friedrich Engels no *Manifesto do Partido Comunista* em 1848. Dada a complexidade da obra, esta análise apoia-se em outros autores, estudiosos e críticos do comunismo. A análise de conteúdo dos memes coletados segue a proposta de “Análise convencional de conteúdo³” de Hsieh e Shannon (2005). De maneira analítica e de acordo com o objetivo desta pesquisa, a abordagem dos conteúdos analisados segue uma linha interpretativa. A descrição dos objetos ou fenômenos, por meio de uma análise qualitativa, busca identificar temas ou padrões. Este formato de análise mostrou-se o mais apropriado para o assunto em questão, já que os estudos que vinculam os memes aos mitos políticos são escassos. A análise descreve e interpreta os objetos coletados, intuindo sobre seus conteúdos a partir do que foi exposto na fundamentação teórica. Hoje, no momento histórico vivido pelo Brasil, estudar os mitos políticos em formação e em ascensão se faz importante, na busca de depreender os rumos de nossa sociedade, sob influência dos discursos mitológicos.

³ “Conventional Content Analysis (tradução nossa)”.

1 O MEME DA INTERNET

O termo meme foi cunhado pelo etólogo Richard Dawkins, em 1976, na obra *O gene egoísta*. O autor aponta que a transmissão cultural é realizada de maneira análoga à transmissão genética. Um exemplo citado é a linguagem, que evoluiu por meios não genéticos ao longo da história. Um meme – costumes, arte, moda, tecnologia etc. – foi compreendido por Dawkins (2007) como uma unidade de transmissão ou imitação cultural. Da mesma maneira que os genes se propagam saltando de corpo para corpo, os memes se propagam saltando de cérebro para cérebro. A sobrevivência do meme em uma mente varia de acordo com o seu apelo psicológico, como a ideia do meme Deus, a qual é “prontamente copiada por gerações sucessivas de cérebros individuais. Deus existe, nem que seja somente na forma de um meme com elevado grau de sobrevivência, ou poder de contágio, no ambiente fornecido pela cultura humana (p. 331)”. Os memes podem se replicar pela imitação, e sua sobrevivência é determinada de acordo com três qualidades: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia.

De acordo com Viktor Chagas e Janderson Toth (2016), o fenômeno da imitação cultural já era estudado por sociólogos antes dos estudos de Dawkins. Entretanto, foi o autor da biologia que popularizou o tema e criou o termo meme como o “gene da cultura (p. 214)”, o qual corresponde a um elemento fundamental para o entendimento da evolução da cultura. A apropriação do conceito de meme de Richard Dawkins define um fenômeno da cibercultura⁴. Na internet, os memes se manifestam em forma de fotomontagens, vídeos, frases, hashtags, tirinhas, entre outras formas. Qualquer informação replicada, seja por sua forma ou por seu conteúdo, ganha a alcunha de meme.

A própria ideia de meme sofreu mutações e evoluiu em uma nova direção. E o meme da internet é um sequestro da ideia original. Em vez de modificar-se ao acaso, em vez de se propagar na forma de uma seleção darwiniana, os memes da internet são deliberadamente alterados pela criatividade humana. Na versão sequestrada, mutações são esboçadas, não aleatoriamente, com o total conhecimento da

⁴ A cibercultura é o nome dado para a nova relação que nasce entre o ser humano e a vida social, em proporções planetárias. Segundo André Lemos (2002), as inovações técnicas de cada época refletem as mudanças sociais, as maneiras de sociabilidade e de agregação social de cada período histórico. A cibercultura nasce nos anos 1950 com a informática e a cibernética. Sua popularidade aumenta na década de 1970 com a microinformática. A completa estabilidade chega nos anos 1980 – com a informática de massa – e em 1990 – com as redes telemáticas. Ao se misturar ao ambiente cultural, as novas tecnologias aproximam o prazer estético e o compartilhamento social.

peessoa que está realizando a mutação (DAWKINS, 2013 apud HORTA, 2015, p. 45-46).

Os memes, segundo Susan Blackmore (2000), podem ser ideias e comportamentos replicados socialmente por meio de uma ancoragem material, ou seja, uma mídia – como um livro, uma fotografia. Para Chagas e Toth (2016), o termo meme, utilizado para denominar os conteúdos que circulam na internet, passa a significar uma mídia em si mesmo, como as imagens em formato de imagem e áudio. O meme como um novo gênero midiático foi observado por Colin Lankshear (2007 apud Chagas e Toth op. cit.).

O meme como mídia para Lankshear (2007) apud Chagas e Toth (2016) é reconhecido por meio de “uma *expertise* cultural e uma semântica social inculcadas na prática de compartilhamento de referências populares através destes conteúdos (p. 214)”. Dessa maneira, a definição dos memes como “unidades de transmissão”, de acordo com Dawkins, pode ser desconstruída e questionada. Limor Shifman (2014) define os memes da internet não como unidades únicas, mas como grupos de itens com características semelhantes. São reflexos de vozes coletivas – culturais e sociais – e de vozes individuais que carregam as possibilidades de imitação e recriação. Para Chagas e Toth (op. cit.), por uma via sincrônica, não há como um meme ser caracterizado como meme, já que este é apreendido de forma diacrônica, “a partir de seus elementos discursivo e associativo (p. 215)”.

Segundo Chagas e Toth (2016), os memes da internet indicam de forma razoável a leitura que os internautas realizam sobre um tema ou um personagem. A compreensão dos memes não deve caracterizá-los de forma fluída e despreziosa. “Nesse sentido, o meme não é um fim em si mesmo, mas um meio. Não estamos estudando memes para sermos bons criadores de memes, mas para entendermos o que criadores de memes pensam quando criam os seus (p. 231).”

O meme da internet é analisado por Natália Botelho Horta (2015) como uma linguagem da internet. Sua utilização se baseia em regras não preestabelecidas, mas que apresentam padrões no modo de comunicar quando são compartilhados. A interação dos sujeitos com o dispositivo técnico e pelo dispositivo técnico resulta em comunicação. Neste processo, os suportes possuem a função de meio de comunicação. A internet, repleta de manifestações imagéticas, audiovisuais e verbais, pode ser caracterizada como um meio de comunicação. O uso dos memes compreendidos como signos envolve conhecimento e consciência de sua significação

potencialmente infinita, logo, pode ser definido como uma linguagem. Desta maneira, a internet também se estabelece como um meio de cultura, já que pode ser compreendida além do suporte físico. Os signos fazem parte desse processo quando a linguagem é utilizada para a compreensão do mundo. Desta forma, a internet configura-se também como uma extensão da consciência.

O meme da internet como uma linguagem é utilizado de forma intencional para promover opiniões e fomentar discussões principalmente em sites de redes sociais. Quando não há repetição da forma, o meme pode ser entendido pela repetição do conteúdo, aliada aos processos de apropriação e de paródia. A compreensão do meme está relacionada à capacidade do interlocutor de associar um meme com fatos, imagens, eventos, clichês ou estereótipos.

Cada pessoa processa um meme de uma maneira, de acordo com sua mente. Após isso, o indivíduo ressignifica o objeto antes de passar para os outros. Muitas vezes a forma e o conteúdo do meme são modificados. Nos memes, o processo de ressignificação envolve principalmente a paródia e a ironia. Toda paródia possui um aspecto de imitação, mas nem toda imitação é uma paródia. Os aspectos ideológicos e comunicativos do meme original podem ser utilizados na paródia. Um meme pode ter sua forma reproduzida, mas sob um ponto de vista diferente. O processo de imitação combina aspectos de cópia e alteração do evento original. Compartilhar memes tornou-se uma atividade valorizada e fundamental na internet. Na era digital, as pessoas podem compartilhar o conteúdo da maneira como foi recebido, por meio da cópia. No entanto, muitas pessoas optam por criar suas próprias versões.

De acordo com Horta (2015), a linguagem, comunitária, pública, partilhável e transmissível funciona como um jogo. “Os jogos de linguagem do meme envolvem assim duas perspectivas: a de um sujeito emissor e a de um sujeito receptor e, como vimos, mesmo que nos comuniquemos sozinhos essa relação irá existir (p. 175)”. A pesquisadora compreende o meme como a mediação entre uma informação e seu respectivo receptor, por meio da tríade peirceana. A informação tem a função de objeto, o meme tem a função de signo (linguagem) e cada manifestação do meme (réplica) tem a função de um interpretante. A autora entende que a criação de um meme é também um ato de leitura do mundo. Uma determinada informação (texto base) é tomada como o objeto que se dá a conhecer pela linguagem do meme (signo), que gera leituras possíveis sobre esse objeto (interpretantes). As leituras sobre um objeto se dão por meio

dos memes, com os quais é possível reproduzir discursos, preconceitos e estereótipos. Por meio de réplicas nem sempre fiéis, os memes se perpetuam no tempo e no espaço. Shifman (2014) exemplifica como os memes sempre fizeram parte da sociedade humana. O meme pode ser uma ideia (Deus), um texto (piada) ou uma prática (rituais religiosos). A partir da ideia de meme para Dawkins, a autora isola três dimensões: o conteúdo, a forma e o ponto de vista.

A primeira dimensão refere-se principalmente ao conteúdo de um texto específico, referindo-se tanto às ideias quanto às ideologias por ela transmitidas. A segunda dimensão se relaciona com a forma: esta é a encarnação física da mensagem, percebida por meio de nossos sentidos. Inclui tanto as dimensões visuais/sonoras específicas de certos textos como os padrões de gênero mais complexos que os organizam [...]. Eu uso "ponto de vista" para descrever as maneiras em que emissores se posicionam em relação ao texto, códigos linguísticos [...]. Como forma e conteúdo, o ponto de vista é potencialmente memético; ao recriar um texto, os usuários podem decidir imitar um determinado ponto de vista que acham atraente ou usar uma orientação discursiva completamente diferente. (SHIFMAN, 2014, p. 40, tradução nossa)⁵.

Assimilar a internet como um meio de comunicação, sob uma perspectiva que envolve a noção de emissores e receptores, é parte essencial para a análise de conteúdo realizada no capítulo 4. Os memes analisados neste trabalho são memes da internet e se enquadram nas definições apuradas de Shifman (2014). A autora define um meme da internet como “(a) Um conjunto de elementos digitais que partilham características comuns de conteúdo, forma e/ou (b) foram criados com consciência uns dos outros, e (c) foram disseminados, imitados e/ou transformados pela Internet por muitos usuários (p. 41, tradução nossa)”.⁶ A imitação de um meme pode ser como uma cópia ou como uma inversão do meme original – inversão esta que fomenta a capacidade dos memes em reatualizar mitos políticos como mostra o capítulo 4. A paródia presente nos memes é constituída de forma lúdica e sem compromisso com o

⁵ The first dimension relates mainly to the content of a specific text, referencing to both the ideas and the ideologies conveyed by it. The second dimension relates to form: this is the physical incarnation of the message, perceived through our senses. It includes both visual/audible dimensions specific to certain texts and the more complex genre-related patterns organizing (...). I use “stance” to depict the ways in which addressers position themselves in relation to the text, it linguistic codes (...). As with form and content, stance is potentially memetic; when re-creating a text, users can decide to imitate a certain position that they find appealing or use an utterly different discursive orientation.

⁶ (a) a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which, (b) were created with awareness of each other, and (c) were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users.

rigor técnico. A figura de linguagem mais representativa quando se trata dos memes é a ironia, carregada de intenções ideológicas e comunicativas (SHIFMAN, 2014).

O meme de Dawkins permite a compreensão da cultura como um processo evolutivo. Horta (2015) compreende os memes da internet como uma linguagem sígnica, que se replica por meio dos indivíduos. Já Shifman (2014) aprofunda o seu estudo sobre os memes da internet e demonstra que um meme é passível de reproduzir estereótipos, ideologias políticas e discursos. As imagens visuais potencializam os significados proporcionados pela intertextualidade dos memes. O meme da internet pode ser configurado como uma imagem reproduzida por meio da técnica. De acordo com Walter Benjamin (2017), a reprodução técnica, com seu caráter independente em relação à reprodução manual, pode proporcionar à cópia um alcance muito maior que o alcance do original. A cópia vai ao encontro do receptor e, por exemplo, no caso da fotografia, destaca imagens somente vistas com o auxílio da lente objetiva. A reprodução técnica de uma obra de arte mantém a obra em si intacta, porém, desvaloriza a sua autenticidade. A reprodução técnica também coloca em cheque o testemunho histórico carregado por determinada imagem. Este abalo na autoridade da coisa é sintetizado no enfraquecimento da aura e no abalo da tradição.

“Aproximar de si” as coisas, espacial e humanamente, representa tanto um desejo apaixonado das massas do presente como a sua tendência para ultrapassar a existência única de cada situação através da recepção de sua reprodução. Dia a dia se torna mais irrefutável a necessidade de nos apoderarmos de forma muito direta do objeto, através da imagem, ou, melhor dizendo, da cópia e da reprodução. [...] Existência única e duração estão neste tão intimamente associadas como a fugacidade e a possibilidade de repetição naquela. (BENJAMIN, 2017, p. 17, grifo do autor).

Em um momento em que as mídias digitais se revelam cruciais tanto para grandes campanhas políticas, quanto para os movimentos sociais e políticos de base, a internet estimula a participação política para além da participação formal, como o voto ou se afiliar a alguma organização. Os memes influenciam uma nova compreensão de participação política, seja em blogs ou em sites de rede social. A invenção da fotografia é uma realização recente de acordo com a história. Desde então, avanços técnicos permitiram a criação do cinema, das fitas de vídeo e das imagens digitais.

Ao longo do século XX, a imagem técnica ganhou novos suportes técnicos e também novas finalidades. O que se viu foi a alta proliferação de imagens, as

quais se transformaram em parte fundamental da cultura ocidental. De acordo com Benjamin (2017), o modo de existência das sociedades humanas e seus modos de percepção são transformados ao longo dos períodos históricos. Para o autor, a fotografia foi o primeiro meio de reprodução técnica “verdadeiramente revolucionário” por emancipar a obra de arte de sua existência parasitária no ritual, já que uma “obra de arte reproduzida será cada vez mais a reprodução de uma obra orientada para a reprodução (p. 19)”.

A redução de um público às fronteiras linguísticas, como ocorreu com o surgimento do cinema sonoro, também é uma das características que compõe o universo dos memes da internet. Para que a mensagem seja compreendida é necessário que o emissor e o receptor compartilhem o conhecimento sobre o contexto carregado pelo meme. Os memes que são ancorados em um texto verbal podem reduzir a capacidade de compreensão a apenas aos que possuem conhecimento sobre a língua utilizada. Conhecer o contexto das imagens e dos conteúdos, além de compreender a linguagem verbal carregada por um meme na internet, são aspectos que possibilitam a interpretação. Em um momento de grande proliferação dos memes políticos na internet e de reatualizações de mitos políticos é plausível estabelecer relações com a reprodução técnica das imagens e a ascensão do fascismo no século XX, em busca de compreender os elementos em comum entre memes da internet e o mito político do comunismo no Brasil.

Benjamin (2017) destaca a função das legendas, as quais indicam aos receptores das imagens, seja com fotografias no jornal ou no cinema, as diretrizes para a apreensão das imagens. Antes da expansão da imprensa, poucas pessoas tinham a chance de publicar seus escritos, os quais eram lidos por milhares de pessoas. Com o desenvolvimento da imprensa, os leitores passaram a ser escritores com a possibilidade de publicarem queixas, opiniões e reportagens. A partir desse momento as diferenças entre autor e público começaram a perder suas características essenciais. O leitor como perito e autor de conteúdos publicados está no cerne na cibercultura. No início do advento da internet, a possibilidade de uma pessoa comum realizar uma publicação na rede, sem o entrave de editores ou censura, foi uma das características mais destacadas pelos autores mais entusiastas da rede.

O meme pode constituir uma linguagem global, mas cada cultura cria seus próprios modelos e vernáculos. Shifman (2014) observa que os memes não

nasceram com a internet, porém, a era digital mudou aspectos fundamentais da sua construção. Presentes nas formas de textos ou imagens, fazem parte das esferas públicas e privadas. Com a internet, ao recriar um meme, o criador reforça o caráter individual da rede. A singularidade e a conectividade das pessoas são expressas pelos memes. A estratégia de reinterpretar o meme digital, com a recriação, é nova. Envolve a manipulação por meio de instrumentos tecnológicos, como o Photoshop. A imitação e a recriação são recorrentes na internet. Hoje, o termo meme é utilizado para descrever o excesso de reinterpretações e recriações dos conteúdos.

1.1 Os gêneros dos memes

Em uma pesquisa sobre memes é fundamental que o recorte esteja bem traçado, já que “é difícil reconhecer o limite entre o que é e o que não é um meme entre os conteúdos que circulam pelas mídias sociais (CHAGAS & TOTH, 2016, p. 215)”. Na tentativa de categorizar os memes em gêneros surgiram classificações problemáticas, as quais renegam a intencionalidade e abrangem apenas os formatos. Os autores propõem a categorização dos memes por meio da repercussão, da retórica e das formas de recrutamento:

A repercussão, no entanto, avalia apenas *como* esta mensagem se propaga, e não *que* mensagem é esta, ou *por que* ela é propagada. Estas duas outras características só podem ser bem compreendidas se observados outros dois aspectos dos memes: respectivamente, sua *retórica* e suas formas de *recrutamento*. A retórica de um meme define os enquadramentos discursivos que ele se encarrega de difundir, o apelo de sua mensagem, o papel do humor e da ironia em sua trajetória de aceitação entre os internautas. Já o recrutamento pode ser traduzido como o potencial de um meme em levantar uma causa para o debate público, de evocar temas sociais e fomentar a ação coletiva e organizada através do reconhecimento solidário. (CHAGAS & TOTH, 2016, p. 216-217).

Já os memes políticos da internet são categorizados por Shifman (2014) de três formas: memes de persuasão, memes de ação coletiva e memes de discussão pública. Os memes de persuasão caracterizam-se pela retórica de suas mensagens e pelo poder de convencimento replicados sem grandes alterações. A sua lógica de funcionamento e de disseminação pode ser “identificada com o marketing viral, o meme persuasivo é o equivalente ao que Henry Jenkins caracteriza como uma *sticky media* (ou uma “mídia-chiclete”, numa tradução livre) (CHAGAS & TOTH, 2016, p. 217)”.

Os memes de ação popular são compreendidos como aqueles que são representados por ações coletivas, sejam elas espontâneas ou não, e por interações simples, mas eficazes em conjunto. *Flashmobs*, “Desafio do Balde de Gelo” e ações como o Vomitação são exemplos. Já os memes de discussão pública são aqueles produzidos por meio de montagens visuais ou audiovisuais, geralmente carregadas de humor. O amadorismo, a crítica e a ironia ficam explícitos. Chagas e Toth (2016) tratam estas categorias como gêneros de memes. De acordo com os autores:

os memes persuasivos enfatizam a *retórica* em seus conteúdos; os memes de ação popular concentram seus esforços no *recrutamento* de indivíduos para tomarem parte em suas campanhas; e os memes de discussão pública regem-se pela *repercussão* e reapropriação das peças por diferentes internautas ou grupos de internautas. (CHAGAS & TOTH, 2016, p. 218).

Chagas et al. (2017) propõe uma metodologia de análise de conteúdo com base nos memes sobre debates eleitorais de 2014 publicados no site de rede social Twitter. Para aferir o enquadramento discursivo dos memes desenvolveu-se uma matriz taxonômica baseada em pesquisas sobre memes e em pesquisas sobre Comunicação Política. CHAGAS et al. (op. cit.) compreendem os memes - por meio dos estudos de Limor Shifman - como um conjunto semântico. Quando o conjunto é separado em unidades isoladas estas unidades não conseguem atingir um significado. Os memes políticos foram divididos em: persuasivos (desperta o engajamento no próximo), de ação popular (demonstra o engajamento ao próximo) e de discussão pública (familiariza o próximo e a si mesmo):

Memes persuasivos são aqueles estrategicamente construídos para serem disseminados e/ou que pretendem angariar apoio a uma determinada candidatura, com a intenção de convencer o eleitor. Subscvem-se a essa categoria, memes que apresentam infográficos comparativos entre dois ou mais candidatos ou dois ou mais partidos. São caracteristicamente mais virais do que memes propriamente. Já os memes de ação popular são aqueles que se caracterizam por uma construção coletiva de sentido, mobilizando o cidadão comum. Alguns utilizam frases de efeito ou bordões, como “Eu sou o 1%” ou “Fora PT!” e têm relação com a militância partidária, embora não tenham, necessariamente, relação com o partido em si. Memes que apontam para comportamentos coletivos reiterados, como selfies, também caracterizam-se como ação popular. Memes de discussão pública, por fim, são aqueles criados para funcionar como comentários despropositados dos eleitores a uma situação ou reação específica, expressão polivocal (MILNER, 2013), geralmente identificados como piadas. (CHAGAS et al., 2017, p. 12-13).

Figura 1 - Meme político persuasivo

Fonte: Página *O Retrógrafo*

Figura 2 - Meme político de ação popular

Fonte: Página *O Retrógrafo*

Figura 3 - Meme político de discussão pública

Fonte: Página *O Retrógrafo*

A categorização de Shifman (2014) para os memes da internet e para os memes políticos da internet é fundamental para análise dos objetos desta pesquisa. A autora faz uma lista com nove gêneros de memes da internet, a qual “está longe de ser abrangente, mas examina alguns dos formatos centrais que emergiram na última década (p. 100)⁷”. Os gêneros e suas características principais estão listados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Gêneros de memes da internet

Gênero	Características
<i>Reaction Photoshops</i>	Séries de montagens em softwares de edição de imagem sobre um mesmo assunto.
<i>Photo Fads</i>	Fotos de pessoas que imitam posições ou ações específicas.
<i>Flash Mob</i>	Ato realizado por um grupo em um espaço público, gravado e postado na internet.
<i>Lipsynch</i>	Indivíduo ou grupo que combina o movimento dos seus lábios com uma música popular.
<i>Misheard Lyrics</i>	Traduções erradas com base nos sons das palavras.
<i>Recut Trailers</i>	Trailers fakes.
<i>LOLCats</i>	Fotos de gatos legendadas com erros ortográficos com referência à situação mostrada na imagem.
<i>Stock Character Macros</i>	Image Macro ⁸ que mostra comportamentos estereotipados.
<i>Rage Comics</i>	Caracteres expressivos associados à comportamentos típicos.

Fonte: SHIFMAN (2014)

⁷ “is far from comprehensive, yet it surveys some of the central formats that have emerged in the past decade”.

⁸ Formato mais comum na produção de memes. Traz uma legenda sobreposta a uma imagem. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/image-macro/>. Acesso em 23 de fevereiro de 2018.

Os nove gêneros são divididos em três grupos, de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 2 – Gêneros dos memes da internet divididos em grupos

Grupo	Gêneros	Características
Memes que documentam a vida real.	Photo Fads e Flash Mobs.	Memes ancorados em espaços concretos e não-digitais.
Memes que apresentam manipulação explícita.	Reaction Photoshops, Lipsync, Misheard Lyrics e Recut Trailers.	Memes que utilizam o remix e a reapropriação de itens da cultura popular.
Memes com gênese no universo digital.	LOLCats, Rage Comics e Stock Character Macros.	Memes associados à subcultura dos memes da internet. “(...) uma grade complexa de sinais que apenas aqueles ‘que sabem’ podem decifrar.” ⁹

Fonte: SHIFMAN (2014)

Shifman (2014) elenca dois grupos que fomentam a imitação e a paródia de memes no formato de fotomontagens: (1) justaposição e (2) movimento congelado¹⁰. A justaposição é caracterizada pela incongruência entre dois elementos da imagem, como as montagens que mostram uma pessoa alheia à situação em seu entorno, muitas vezes com a apropriação de outros contextos. A Figura 4 abaixo mostra um meme político de discussão pública, do gênero Stock Character Macros, que se enquadra no grupo dos memes produzidos por justaposição.

⁹ “(...) a complex grid of signs that only those ‘in the know’ can decipher.”

¹⁰ (1) juxtaposition e (2) frozen motion.

Figura 4 - Meme de discussão pública com justaposição



Fonte: Página *O Retrôgrado*

Os memes de movimento congelado trazem a captura de um momento em que as pessoas retratadas aparecem no meio de alguma atividade física, em alguma postura desajeitada ou em algum momento de grande instabilidade. É o posicionamento dos corpos que busca provocar o humor no meme. Quando a imagem inicial já parece ter sido editada, isso aumenta as chances dela se tornar uma imagem memética. O meme da Figura 5 mostra um meme político de discussão pública, que se enquadra no gênero Stock Character Macros dos memes da internet, e que traz na parte inferior um exemplo de movimento congelado.

Figura 5 - Meme de discussão pública com movimento congelado



Fonte: Página *O Retrôgrado*

Os memes da internet do gênero *Stock Character Macros* são memes no formato Image Macro que reproduzem estereótipos. “(...) é um mapa conceitual de

tipos que representam formas exageradas de comportamento. (...) essas formas extremas tendem a focar no sucesso e nas falhas na vida social de um grupo em particular (SHIFMAN, 2014, p. 113, tradução nossa)¹¹.”

Os gêneros de memes elencados acima não são estritamente isolados e podem sofrer interseções em seus conteúdos. Um meme político da internet faz parte do universo dos memes da internet, assim é possível categorizá-los e interpretá-los seguindo os variados gêneros propostos acima. O presente trabalho utiliza a classificação de CHAGAS et al. (2017) para analisar os memes coletados para esta pesquisa, os quais podem ser classificados como memes de discussão pública. Seja sobre o mundo público ou sobre o mundo político, tal classificação é alinhada com outras variáveis – como os gêneros de Shifman (2014) para os memes da internet – e possibilita a análise de conteúdo sobre os temas abordados por eles.

1.1.2 Memes políticos de discussão pública

O recorte proposto sobre os objetos dessa pesquisa se faz por meio dos memes de discussão pública. Cappella e Jamieson (1997) alertam sobre a cobertura política feita pela mídia, a qual sobrevaloriza as experiências pessoais. Dessa maneira, o conhecimento passa a ser firmado em conformidade com os interesses particulares e as vivências sociais do indivíduo, que passa a questionar tudo o que não contempla seus interesses. É possível identificar nesse mecanismo de questionamento uma conduta baseada no cinismo, a qual sustenta que o sistema político é corrupto, que os políticos não são interessados no bem público e são preocupados em vencer, não governar.

Qualquer ação, por mais nobre que seja, pode ser reduzida a alguma intenção estratégica. Se um voto é compatível com as opiniões de apoiadores financeiros, ele foi lançado não porque o membro do Congresso e os apoiadores tenham uma mentalidade semelhante, mas porque a consciência do representante foi financiada. Neste mundo, os votos não correlacionados com as contribuições podem, no entanto, ter sido lançados em busca de financiamento futuro. [...] Se, para crentes cínicos, nada é como parece, qualquer evidência de que líderes ou instituições atuem para o interesse público pode ser reformulada

¹¹ “[...] it is a conceptual map of types that represent exaggerated forms of behavior. [...] theses extreme forms tend to focus on success and failure in the social life of a particular group”.

como prova de uma pretensão oposta. (CAPPELLA; JAMIESON, 1997, p. 19. Tradução nossa)¹².

Alessandra Aldé (2004) sugere que no Brasil é recorrente a crença em um líder salvador. Muitos personagens políticos passam a ser identificados como ícones, em um processo caricatural deles mesmos. Essa manifestação do personalismo é fruto de referências subjetivas e pode bloquear a racionalidade em relação às competências legais de um político em um Estado Democrático de Direito. No que diz respeito à discussão pública, o cidadão passa a nutrir um sentimento de proximidade com a política, porém, sente desconfiança sobre a falta de compromisso do ambiente político com o interesse público.

A credibilidade das instituições públicas e privadas é questionada, ao passo em que o equilíbrio no reconhecimento da pluralidade fica ameaçado, facilitando radicalismos. Por outro lado, Chagas (2016), conforme Geniesa Tay e Linda Börzsei, indica que valores da cultura popular podem ser traduzidos de maneira mais simples, ao mesmo tempo em que demonstram metáforas de relações de poder, comentários e opiniões. Criar e compartilhar analogias são a forma encontrada para “produzir sentido e participar do processo político (p. 93)”. As analogias presentes nos memes analisados no capítulo 4 reforçam a participação política de seus emissores ao passo que também reatualizam mitos políticos.

O mundo digitalizado proporciona a transformação do receptor em emissor, perspectiva que é potencializada pelas comunidades virtuais. As comunidades virtuais trazem à tona o tribalismo e o presenteísmo em suas conexões por redes de conexão. Na cibercultura se viu a formação de tribos contemporâneas em todo o planeta. De acordo com Lemos (2002), a perspectiva individualista da modernidade se esgotou, o que não significa que não existam mais sujeitos individualistas. O tribalismo contemporâneo agrega os sujeitos em torno de interesses comuns – religiosos, esportivos, artísticos, entre outros –, que podem ser também utilizados em prol de solidariedades racistas, criminosas e intolerantes. Estar junto e compartilhar emoções direcionam o tribalismo rumo a uma sociedade em que o compartilhamento com o outro

¹² Any action, however noble, can be reduced to some strategic intent. If a vote is consistent with the views of financial supporters, it was cast not because the member of Congress and the supporters are like-minded but because the conscience of the representative has been mortgaged. In this world, votes not correlated to contributions may nonetheless have been cast in search of future funding. (...) If, as the cynic believers, nothing is as it seems, any evidence that leaders or institutions act in the public's interest can be recast as proof of the opposite claim.

é característica fundamental. A troca de informações se realiza em diversas plataformas e instrumentos diferentes, como os sites e as redes sociais.

Henry Jenkins (2015) demonstra a influência da cultura popular na forma como a população se relaciona com a política. O autor faz um alerta sobre a diversificação dos canais de comunicação e democracia digital, já que grupos antes silenciados pela mídia corporativa – sejam eles revolucionários, reacionários ou racistas – passam a ter espaço para propagarem seus conteúdos. O cidadão médio passa a questionar as instituições em comunidades online. A desconfiança sobre as notícias veiculadas pela mídia corporativa e o descontentamento com a política são temas recorrentes nas discussões. Na esteira desse movimento, de simples montagens inspiradas em charges até manifestos políticos, o uso do software de edição de imagens Photoshop fez com que muitos assuntos fossem sintetizados em uma única imagem. Estas imagens passaram a ser construídas com inspirações na cultura popular.

No entanto, também afirmo que cristalizar um ponto de vista numa fotomontagem, com o intuito de uma circulação mais ampla, é um ato de cidadania tanto quanto escrever uma carta ao editor do jornal local, que poderá ou não ser publicada. Para um número crescente de jovens americanos, as imagens (ou, mais precisamente, a combinação de imagem e texto) podem representar um conjunto de recursos retóricos tão importante quanto textos. Encaminhar essas imagens a um amigo não é nem menos nem mais político do que entregar-lhe um panfleto da campanha ou um adesivo de para-choque. Os materiais em si que estão sendo trocados não têm tanta importância, mas eles podem se tornar o foco de conversa e persuasão. O que muda, entretanto, é o grau com que amadores conseguem inserir suas imagens e seus pensamentos no processo político – e, pelo menos em alguns casos, essas imagens podem ter circulação muito ampla e atingir um público vasto. (JENKINS, 2015, p. 313).

O presenteísmo no ciberespaço emana um tempo que não é linear, mas sim um tempo de conexões “aqui e agora” (LEMOS, 2002, p. 143). As comunidades virtuais apresentam “uma certa efervescência micropolítica, diária, dirigida aos problemas do dia a dia (p. 147)”. Espaço de partilha e sensação de pertencimento fazem parte dos sentimentos ligados às comunidades. Em certos graus os vínculos sociais são potencializados por essas agregações. Para Castells (2003), o ciberespaço é um espaço análogo a uma ágora grega, porém eletrônica e global. No século XXI, as ações de movimentos sociais se manifestam também na internet, que funciona como um meio de

comunicação. Os movimentos sociais, tanto os formados pelas minorias políticas¹³ quanto os movimentos tradicionais, utilizam a internet e a mídia para atingir as pessoas que compartilham dos mesmos valores:

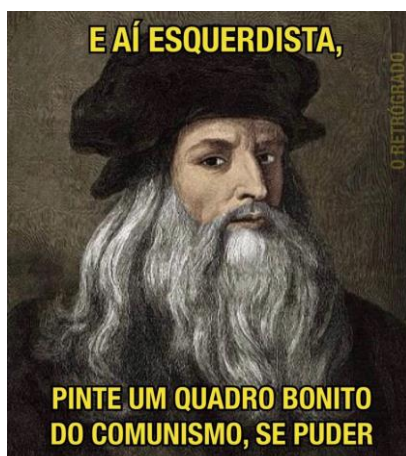
A internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestação, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações (empresas, por exemplo) por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado. (CASTELLS, 2003, p. 117).

Jenkins (2015) salienta a transformação da política em um tipo de cultura popular, na qual as responsabilidades civis são encaradas sob a perspectiva da expertise de fã. Nesse aspecto, o indivíduo tenta monitorar as informações políticas acumuladas, porém, ao não ter conhecimento sobre todas as questões adquire uma postura defensiva e vigilante. As comunidades virtuais em sites de redes social, como as páginas no Facebook, criam nichos de comunicação, de acordo com o conteúdo difundido e discutido. O compartilhamento de ideias diminui a capacidade de aprender quando todos de um mesmo grupo compartilham as mesmas convicções e o mesmo conhecimento. A polarização política é um efeito possível, pois os indivíduos acabam por escolher ter contato apenas com os canais de comunicação que possuem as convicções e as concepções políticas alinhadas com as suas. Muitas vezes o elemento central em um meme é o absurdo. As replicações meméticas são potencializadas pelo absurdo do cotidiano. As paródias e metáforas meméticas intensificam o absurdo e o grotesco sobre uma situação.

Na realidade, o grotesco, inclusive o romântico, oferece a possibilidade de um mundo totalmente diferente, de uma ordem mundial distinta, de uma outra estrutura da vida. Franqueia os limites da unidade, da indiscutibilidade, da imobilidade fictícias (enganosas) do mundo existente. O grotesco, nascido da cultura cômica popular, tende sempre, de uma forma ou de outra, a retornar ao país da idade de ouro de Saturno, e contém a possibilidade viva desse retorno (BAKHTIN apud HORTA, 2015, p. 140).

¹³ Por minorias políticas entende-se os Movimentos das mulheres, dos LGBTs e dos negros, por exemplo. Por movimentos tradicionais entende-se os movimentos religiosos e nacionalistas.

Figura 6 - Meme político de discussão pública



Fonte: Página *O Retrôgrado*

De acordo com Chagas (2016), os memes de discussão pública possuem um humor latente. Geralmente, a construção se faz a partir de uma imagem estática com legendas sobrepostas ou com a adição de elementos característicos das fotomontagens. Os memes de discussão pública “flertam com a ironia e o humor subversivo, dessacralizam e deslocam sentidos (p. 95)”, como exemplificado com a Figura 6. Por causa de suas características não é o modelo de meme mais estudado no campo acadêmico, motivo pelo qual a presente pesquisa analisa apenas memes de discussão pública. O meme pode ser entendido como a expressão mais sofisticada no que tange ao “conteúdo gerado pelo usuário” (UGC, sigla em inglês). A produção de memes políticos recebe forte influência da cultura popular. Dessa maneira, integra e socializa o indivíduo com a linguagem política. Chagas (op. cit.) argumenta que “enquanto conteúdos que evocam a cultura popular-massiva, os memes podem operar como cimento da relação entre expressão individual e culturas políticas (p. 110)”. Para o autor, a experiência compartilhada de construção política faz com que o meme aja também como um ator de letramento político.

As comunidades ligadas em rede representam um papel importante em uma nova configuração de circulação de mídias. Jenkins et. al. (2014) apontam uma mudança no sentido da distribuição para a circulação de mensagens, o que significa um modelo mais participativo de cultura. As pessoas moldam, compartilham, reconfiguram e remixam conteúdos de mídia antes de coloca-los em circulação. A “cultura participativa”, inicialmente associada às produções culturais e às interações sociais de

fãs, evoluiu e atualmente se refere a vários grupos que produzem e distribuem conteúdos de mídia a fim de atender interesses coletivos.

Os conteúdos de mídias propagados por amigos têm mais receptividade porque, geralmente, representam interesses em comum. Ao compartilhar um conteúdo as pessoas o fazem motivadas por um gesto de amizade ou em forma de contribuição para uma comunidade organizada. A propagabilidade é potencializada por um padrão de compartilhamento de conteúdo seguido pelas pessoas, o qual envolve uma avaliação com base em seus padrões pessoais e com base no valor percebido em seu grupo social. O material compartilhado pode contribuir para obter notoriedade ou para ativar uma comunidade. O conteúdo compartilhado na internet beneficia a interação entre as pessoas também na vida fora das redes. Muitas vezes os conteúdos propagados são resultados de ações simples do cotidiano, porém, “muitas decisões ativas e motivações estão envolvidas até mesmo nesses processos instantâneos (JENKINS et. al, 2014, p. 248)”.

A cultura participativa gera conteúdo para interações e interesses de várias comunidades. Ao fracionar a homogeneidade da cultura de massas, as pessoas produzem uma cultura, pois integram produtos e textos à vida cotidiana. “Sob o controle do produtor, é cultura de massa. Sob o controle do público, é cultura popular. A circulação popular pode, portanto, transformar uma commodity em um recurso cultural (JENKINS et. al., 2014, p. 249).” Os novos comportamentos de propagação refletem padrões antigos de recebimento e discussão sobre textos de mídia, o que envolve a paixão das pessoas. Os intercâmbios online entre as pessoas se tornaram mais visíveis e se realizam em uma escala e frequência maiores.

A cultura contemporânea está cada vez mais participativa, especialmente se comparada com as ecologias de mídia anteriores, principalmente as dependentes da mídia tradicional de massa. No entanto, nem todo mundo tem permissão para participar, nem todo mundo é capaz de participar, nem todo mundo quer participar e nem todo mundo que participa o faz em igualdade de condições. A palavra “participação” tem uma história tanto no discurso político como no cultural, e a sobreposição entre os dois suscita uma consideração mais profunda. Em alguns casos, os públicos ligados em rede estão aproveitando esse aumento da capacidade de comunicação para criar uma cultura mais diversificada, que desafia instituições arraigadas, amplia as oportunidades econômicas, e, até mesmo no caso da mídia religiosa, talvez salve nossa alma. Os outros estão simplesmente usando isso para continuar com o negócio de sua vida cotidiana. (JENKINS et. al., 2014, p. 359).

Os memes objetos dessa pesquisa enquadram-se no que Jenkins et. al., (2014) denominam de “mídia cívica”. Essa mídia é formada por um conteúdo que visa o aumento do engajamento cívico ou da motivação para a participação no processo político. Incluem-se nessa definição a mídia produzida por candidatos políticos, movimentos sociais e cidadãos individuais, com a intenção de atrair adeptos e difundir seus princípios. Uma problemática desse tipo de mídia é a questão ética, sobretudo, pela descontextualização dos conteúdos produzidos. A partir das comunidades dos movimentos populares que utilizam os produtos criativos como um recurso para propagar e compartilhar os próprios interesses, a mídia cívica gera valor e significado quando entra em circulação.

1.2 O Humor dos memes

Como já demonstrado por Chagas (2016), Shifman (2014) e Horta (2015) o humor e as figuras de linguagem permeiam a construção dos memes da internet, da sua gênese à sua replicação. Para que a análise de conteúdo empreendida no capítulo 4 torne-se mais completa é preciso inquirir com mais detalhes a relação entre o humor e os memes da internet. Segundo Chagas et al. (2017), o humor dos memes é constituído por uma linguagem popular e por um apelo visual, o qual banaliza ou até ridiculariza o político. Tal estratégia humorística pode ser uma contra estratégia de acordo com os caminhos por onde o meme vai circular. A aproximação, a piada situacional e os elementos da cultura popular são características que possibilitam a crítica e a banalização da política, à medida que também agem em prol da polarização partidária. Dessa forma, os temas políticos e os temas de discussão pública adequam-se às novas mídias, como o meme. Novas discussões flutuam sobre a alienação política e a crise da democracia representativa. Surge uma nova democracia com o cidadão conectado por essa nova linguagem política.

Taecharungroj e Nueangjamnong (2015) categorizam os memes da internet – coletados no site de rede social Facebook – em diferentes estilos e tipos de humor. O humor é categorizado em quatro estilos: (1) o humor afiliativo, aquele em que pessoas com senso de humor dizem coisas engraçadas para divertir os outros. O criador do meme expõe uma situação de uma maneira positiva; (2) o humor auto-aprimorado, aquele em que as pessoas conseguem ter uma visão divertida até sobre as adversidades. O criador do memes expõe uma situação sobre ele mesmo de uma maneira positiva; (3)

o humor agressivo, aquele que se expressa sobre os defeitos dos outros, com a intenção de ofender ou alienar. O criador do meme expõe uma situação sobre outra pessoa de uma maneira negativa; (4) o humor auto-destrutivo, aquele que é depreciativo, inclusive sobre a própria pessoa que emite o comentário ou piada. De uma maneira negativa, o criador do meme expõe uma situação sobre ele mesmo. Já os tipos de humor adaptados aos memes do Facebook são sete, os quais foram analisados por Taecharungroj e Nueangjamnong (2015):

(1) Humor de comparação, que se estabelece combinando dois ou mais elementos, com o objetivo de produzir uma situação engraçada. Os memes com este tipo de humor comparam dois objetos.

Figura 7 - Meme de discussão pública com humor de comparação



Fonte: Página *O Retrógrado*

(2) Humor de personificação, que atribui características humanas aos animais, plantas ou objetos. A personificação é a fonte do humor nos memes com essa característica.

Figura 8 - Meme de discussão pública com humor de personificação



Fonte: Página *O Retrógrado*

(3) Humor de exagero, redimensiona algo para além da realidade. Os memes carregam elementos exagerados sobre algo ou alguém.

Figura 9 - Meme de discussão pública com humor de exagero

PEGAREMOS EM ARMAS SE FOR
PRECISO



Fonte: Página *O Retrógrado*

(4) Humor de trocadilho, que utiliza elementos da linguagem para criar o humor com novos significados. O meme torna-se engraçado por causa do uso incomum da linguagem.

Figura 10 - Meme de discussão pública com humor de trocadilho



Fonte: *O Retrógrado*

(5) Humor sarcástico, que tem como base respostas e situações irônicas. Por meio do sarcasmo, o meme expressa uma mensagem a qual não corresponde com o verdadeiro intuito do emissor.

Figura 11 - Meme de discussão pública com humor sarcástico



Fonte: *O Retrôgrado*

(6) Humor nonsense, que faz piada com situações absurdas. Os memes deste tipo mostram personagens, pessoas ou situações de forma paradoxal.

Figura 12 - Meme de discussão pública com humor nonsense



Fonte: *O Retrôgrado*

(7) Humor surpresa, que é produzido a partir de situações inesperadas. Os memes trazem em sua mensagem uma resolução surpresa.

Figura 13 - Meme de discussão pública com humor surpresa



Fonte: *O Retrôgrado*

Taecharunroj e Nueangjamnong (2015) observaram que no Facebook o humor dos estilos afiliativo e agressivo são os que prevalecem. Já em relação ao tipo do humor, prevalecem os sarcásticos e os nonsense. Chagas (2016) apresenta o humor como um artifício para a produção de sentido na discussão pública sobre política. Nesse sentido, a brincadeira funciona como um dos principais recursos para o letramento político. De acordo com Chagas (op. cit.), grupos de indivíduos alienados da estrutura ideológica do poder adotam a brincadeira política com um comportamento político primordial. Este tipo de brincadeira – que pode ser interpretada como uma atividade lúdica, a qual utiliza o recurso do humor subversivo – quando considerada sob um viés político tem o objetivo de provocar o comprometimento entre os participantes. A ironia é a figura de linguagem mais representativa em brincadeiras de cunho político.

A repetição e a paródia foram duas categorias aferidas por Horta (2015) como fundamentais na constituição do meme como uma linguagem da internet. Categorias secundárias associam-se a essas, como a carnavalização, o excesso, o absurdo e o humor. Todos esses elementos articulados trazem o riso como um efeito possível. O emissor e o receptor de um meme precisam partilhar saberes mútuos para que o sentido – que não é fixo, mas sugerido – seja entendido. A paródia de um meme caracteriza-se quando uma imagem é amplamente utilizada repetidas vezes. A imagem original deixa de ser utilizada em seu sentido literal e passa a ser utilizada como um conceito.

O humor, segundo Deligne (2011), é repertoriado através de categorias como o lugar, o tempo, a pessoa e a finalidade do riso. Para o autor, o humor é considerado subversivo quando inadequado a uma

destas categorias. Em resumo, o humor deve buscar o “meio-termo justo”, sem o qual o estereótipo construído a partir da ironia alinha o “preconceito” à “voz de quem o pratica” (id., ibid.) e transforma o humor, ao invés de subversivo, em opressivo – daí a importância em se reconhecer a finalidade do humor. O humor está, portanto, sujeito a diferentes contextos para ser compreendido. Isso porque, embora possa ser também encontrada em outras categorias de memes políticos, a sátira, recurso que consiste na exploração de fraquezas de um determinado indivíduo ou de uma instituição (SOSA-ABELLA; REYES, 2015, p. 245), prepara o terreno para a ironia. E, como lembram Acselrad & Dourado (2009), a atitude satírica depende, em larga escala, do exercício da recepção. (CHAGAS, 2016, p. 99).

As réplicas de um meme levam o receptor ao absurdo risível por meio da associação de elementos heterogêneos. O banal passa a ser visto de outra maneira, como algo que beira o surreal. De acordo com Horta (2015), “o cômico, que é uma advertência do contrário, no humor, torna-se áspero (p. 153)”. O humor permite que os fatos sejam compreendidos de maneira diferente do convencional. O meme como uma linguagem que facilita a compreensão dos fatos funciona como uma válvula de escape, ao expressar perplexidade diante dos fatos do mundo. Os memes de discussão pública são carregados de humor e de elementos da cultura popular em sua produção.

Para compreender a reatualização do mito político do comunismo por meio dos memes no Capítulo 4, o Capítulo 2 e o Capítulo 3 trazem discussões sobre a direita brasileira e sobre os mitos políticos, respectivamente.

2 A DIREITA

No Brasil, na América Latina e no mundo, a direita se reagrupa, se atualiza e emprega novas táticas para propagar um discurso, muitas vezes, de cunho conservador. A busca pelo poder coloca em cheque os princípios do Estado de direitos e as normas de um regime democrático. Geralmente, com a pauta econômica em primeiro plano, a direita brasileira dissemina seu apelo à uma moral e a um modo de vida retrógrados. Este movimento de retrocesso vem em forma de reação às variadas mudanças sociais, econômicas e políticas ocorridas nos últimos anos, por isso é chamado também de um movimento reacionário. Como essa pesquisa demonstra, grupos e pessoas politicamente ligados à direita utilizam as novas tecnologias e as novas linguagem da internet para propagarem velhos pensamentos, como pode ser observado com os memes da internet.

2.1 A direita e a esquerda na história

A divisão entre “direita” e “esquerda” foi criada como uma metáfora espacial, em 1789, na França revolucionária. Os nobres, o clero e os “comuns” – o Terceiro Estado – formavam os Estados Gerais. Quando o Terceiro Estado se transformou em Assembleia Constituinte, seus representantes se agruparam em alas opostas do plenário, de acordo com suas posições políticas. A decisão a ser tomada no dia era sobre o direito do veto do rei. Os favoráveis à proposta ficaram à direita e os contrários no outro lado, à esquerda. Na gênese dessa divisão, a direita está ligada aos defensores do rei e, dessa forma, à religião, às tradições e aos antigos costumes. A esquerda nasce como o grupo que contesta os ideais tidos como legítimos e intocáveis pela direita.

Sebastião Velasco e Cruz (2015) apoia-se sobre as inúmeras teorias sobre “direita” e “esquerda” na busca por elementos que vão permitir a compreensão dessa divisão complexa. A diferença entre a direita e a esquerda é entendida como um juízo diverso, que pode ser negativo ou positivo, sobre o ideal de igualdade. Steven Lukes apud Velasco e Cruz (op. cit.) entende a divisão no âmbito da moral e das visões de mundo, em que a esquerda é unida pela busca de um sentimento de igualdade, contra as inúmeras desigualdades vistas pela direita como naturais e inevitáveis. Velasco e

Cruz (op. cit.) cita que ao longo do tempo a direita passou a se organizar a partir de três impulsos:

o gosto pela violência, verbal e física, o poder da recusa (com lugar considerável conferido aos “anti”: antiparlamentarismo, antiliberalismo, anticapitalismo, antisemitismo etc.), o desejo de escapar à competição direita-esquerda e de lançar pontes entre contestatários de todas as origens. (LE BEGUEC; PRÉVOTAT, 1992, p. 276 apud VELASCO E CRUZ, 2015, p. 22).

Com o poder da recusa associado à direita é possível identificar os elementos que vão levar ao rompante fascista no século XX, mesmo com algumas variáveis, como por exemplo o suporte capitalista aos governos totalitários. Com a emergência dos movimentos fascistas, como a manifestação antiparlamentar organizada pela direita, na França, em 1934, a qual deixou mais de uma dezena de mortos, o Partido Comunista Francês selou um pacto de ação com os socialistas. O objetivo era barrar as atividades fascistas no país, já que as mesmas estavam se mostrando perigosas. A partir desse momento a associação dos comunistas com a esquerda passou a ficar mais nítida.

De acordo com Benjamin (2017), o fascismo do século XX tentou organizar as massas de proletários com a possibilidade delas se exprimirem, “mas com certeza não a de exprimirem os seus direitos (p. 45)”. As massas possuem aberturas para que manifestem suas expressões, porém, tais aberturas são controladas para que certos aspectos não sejam contestados, como, por exemplo, as relações de propriedade. Desta forma, Benjamin (op. cit.) explicita que “o fascismo tende para a estetização da política (p. 46)”. Esta estetização da política praticada pelo fascismo é fruto da alienação humana e culmina na guerra. A humanidade permite a sua própria aniquilação como um prazer estético.

A possibilidade de reprodução técnica da obra transforma a relação das massas com a arte. Uma relação o mais retrógrada possível, por exemplo diante de um Picasso, pode transformar-se na mais progressista, por exemplo diante de um Chaplin. Aqui, a reação progressista caracteriza-se pelo fato de o prazer da observação e da vivência estar direta e intimamente associado à atitude do perito. Tal ligação é um indício social importante: quanto mais diminuir o significado social de uma arte, tanto mais haverá no público um divórcio entre a atitude crítica e o prazer – como se prova nitidamente com a pintura. O convencional é apreciado sem sentido crítico, aquilo que é verdadeiramente novo critica-se com má vontade. (BENJAMIN, 2017, p.35, grifo do autor).

Ao longo do século XX, a técnica moderna e a expansão da reprodução técnica das imagens proporcionaram ao fascismo a utilização das massas proletarizadas a seu favor. A alienação e a estetização da política fizeram a humanidade presenciar a emergência de movimentos políticos extremistas e fascistas. Guerras, massacres, extermínios e governos totalitários foram muitas vezes legitimados pela população civil coberta pelo véu do fascismo, o qual utiliza os aparatos midiáticos existentes para propagar seus ideais.

Na América Latina, assim como em toda a periferia colonizada do mundo capitalista, a divisão político-ideológica entre a direita e a esquerda tem suas origens no sistema colonial. O sistema colonial funcionava com base nos interesses comuns entre os países colonizadores e os grupos privilegiados dos países colonizados, como o *status quo* econômico e social. O domínio dos países colonizadores sobre os países colonizados era sustentado pela criação de privilégios a alguns grupos de privilegiados. A polarização entre direita e esquerda se fez presente nos debates políticos anticoloniais. Ao longo do século XX, a América Latina em um processo anticolonial se aproximou dos EUA, em alianças que visavam a modernização e avanços – econômicos e sociais. Contudo, essas alianças tinham como base o alinhamento às forças conservadoras, representadas pelos grupos privilegiados e associados aos países imperialistas europeus. A aliança com os EUA, como observado no Brasil, levou à implantação de um regime militar repressivo que tinha como um dos motes o combate ao comunismo, dentro do contexto da Guerra Fria, pós 1945.

Ao risco da redundância, rastrear esse processo é indispensável para assinalar esse componente central na disjuntiva direita-esquerda na América Latina. Ao contrário do que ocorria na primeira metade do século XX – quando a extrema direita inspirava-se no fascismo italiano ou na tradição do catolicismo reacionário e procurava reproduzir aqui, como partes de projetos de regeneração nacional, modelos de organização política explicitamente antiliberais, flertando com o possível apoio de seus congêneres na Europa –, no período subsequente o alinhamento com os Estados Unidos é geral. (VELASCO E CRUZ, 2015, p. 37).

A polarização entre “direita” e “esquerda” enfrentada pelo Brasil atualmente combina velhas e novas questões. O colapso financeiro dos EUA em 2008 desencadeou também a crise econômica brasileira, a qual se tornou política e polarizada. A conotação pejorativa que a direita tinha no Brasil, em decorrência dos anos da

ditadura civil-militar, passou a se esvaír e a se transformar em orgulho por aqueles que se consideram de direita.

2.1.1 Direitas brasileiras

André Kaysel (2015) se refere à direita brasileira como “as direitas”, que possuem em seu cerne forte conservadorismo e cujas histórias são necessárias para a compreensão da “atual onda reacionária” que assola o país. A direita que hoje se apresenta como um bloco de caráter hegemônico tem em sua formação um caráter oposto, heterogêneo. O autor aponta duas interpretações para o conceito de conservadorismo: (1) como uma reação negativa à modernidade burguesa, com base social aristocrática e (2) como uma contraposição ideológica às incursões consideradas radicais, sem conteúdo próprio. De acordo com o autor, a segunda interpretação é a que condiz melhor com o conservadorismo brasileiro, já que as elites sociais, políticas e intelectuais brasileiras não desejavam um retorno ao passado – colonial – por serem parte de uma sociedade burguesa capitalista.

Após a independência, o Brasil conservou a forma monárquica e a ordem escravocrata, apoiadas até mesmo por liberais, porém, conservadores – a favor da independência e a favor da escravidão, sistema que garantia o domínio social no país. Após a abolição da escravidão, em 1888, e da Proclamação da República, em 1889, surgiram duas correntes entre os republicanos. Uma positivista, com o Estado autoritário e interventor, e outra liberal federalista que defendia a descentralização política e o *laissez-faire* econômico – apoiada pelas elites cafeeiras.

O liberalismo político e econômico predominou durante a Primeira República. Contudo, com a sua crise, na década de 1920, correntes ideológicas antiliberais – que prezavam pelo Estado centralizador e pela observância corporativa – passaram a ganhar notoriedade. A crise da Primeira República abriu espaço para a organização político-partidária. Nesse contexto, em 1922, foi criado o Partido Comunista do Brasil (PCB) que passou a representar de forma mais organizada a esquerda brasileira. De acordo com Kaysel (2015), a rápida cassação do registro do PCB indicou uma nova bandeira levantada pela direita, o anticomunismo militante. A Revolução de 1930 foi a consequência mais representativa da crise de Primeira República. Foi a partir dessa revolução que o Brasil abriu espaço para o surgimento de

organizações partidárias nacionais com perfis ideológicos nítidos. Na década de 1930, a cena pública estava polarizada “por duas organizações que possivelmente iniciam a oposição entre a direita e a esquerda no Brasil (p. 56)”:

a Ação Integralista Brasileira (AIB), agremiação de inspiração fascista fundada em 1932 e encabeçada pelo escritor modernista Plínio Salgado, e a Aliança Libertadora Nacional (ANL), frente antifascista e anti-imperialista, organizada em 1934-1935, liderada por Luís Carlos Prestes e pelo PCB. Contando com centenas de milhares de simpatizantes nos principais centros urbanos do país, polarizando as camadas médias e a intelectualidade, o integralismo e o aliancismo serão as duas tentativas pioneiras de estabelecer partidos com expressão de massas em uma sociedade na qual a política até então se restringia quase exclusivamente aos círculos oligárquicos. (KAYSEL, 2015, p. 56).

Além do integralismo, a direita brasileira se expressou por outras correntes, como pela Liga Eleitoral Católica (LEC) e pelo liberalismo oligárquico. De 1930 até 1945 – período em que Getúlio Vargas tomou o poder até o fim do Estado Novo –, um grupo, formado por militares conservadores, políticos oligárquicos e intelectuais autoritários, se organizou para estabelecer o controle sobre o mercado interno e sobre setores da classe média urbana por meio de uma burocracia civil e militar. Segundo Kaysel (2015), essa nova elite tinha um ideário “corporativista, organicista e hierárquico” que, por meio de um Estado centralista, visava “promover o desenvolvimento industrial como estratégia de superação do atraso”. Com a incorporação da burguesia industrial e do proletariado urbano ao sistema, “forjava-se uma via de desenvolvimento capitalista ‘pelo alto’ (p. 58)”.

Com a vitória dos países Aliados, apoiados pelo Brasil, sobre os países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo entrou em crise e começou a passar por um processo de transição democrática, o qual legalizou todos os partidos políticos, convocou eleições presidenciais e uma nova Assembleia Constituinte. Ocorreu então uma clivagem política entre os partidos que eram varguistas – Partido Social Democrático (PSD) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – e os que eram anti-varguistas – União Democrática Nacional (UDN) –, deixando a polarização entre direita e esquerda em um segundo plano.

De 1945 a 1964, o Brasil viveu uma experiência democrática ampliada, com participação popular por meio do sufrágio e pelas eleições competitivas. Entretanto, a população rural não tinha direito ao voto, já que a alfabetização era um requisito. O Partido Comunista do Brasil (PCB) teve seu registro cassado mesmo em

uma experiência democrática. A cassação do PCB pode ser compreendida dentro do contexto da Guerra Fria entre os EUA e a ex-URSS e pelo bom desempenho eleitoral nas eleições de 1945.

As chamadas reformas de base no governo do presidente João Goulart (1961-1964) mobilizaram camponeses e trabalhadores rurais brasileiros em prol, principalmente, da reforma agrária. As forças políticas conservadoras e as elites, incomodadas com a possibilidade das reformas, fizeram campanha contra as medidas. A sociedade se viu polarizada entre “um ‘bloco histórico multinacional-associado’ – capitaneado pelos tecnoempresários vinculados ao capital multinacional – como alternativa de poder ao ‘bloco histórico nacional-populista’ e seu impulso reformador (KAYSEL, 2015, p. 63)”.

Esse bloco de forças sociais e políticas se organizou em um complexo de organizações da sociedade civil, voltadas para a elaboração de uma plataforma de transformações econômicas e políticas própria, para a agitação e propaganda e para a conspiração com vistas à derrubada do governo. O principal núcleo dessa rede de organizações era formado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad), constituindo-se aquilo que Dreyfus denominou de “complexo Ipes-Ibad” (Ibid.). (KAYSEL, 2015, p. 63).

O complexo Ipes-Ibad possuía vínculos com a Escola Superior de Guerra (ESG). O fundador do Ipes foi o general Golbery do Couto e Silva. Kaysel (2015) destaca a relação da direita civil com os militares no Brasil, os quais ao longo do período republicano tiveram um “papel moderador” nas disputas políticas. No começo da década de 1960, temendo pela integridade das forças armadas, os oficiais começaram a questionar sobre a capacidade dos civis em comandar a política do Brasil. Os meios de comunicação de massa – jornais, rádios e emissoras de televisão – passaram a propagar a mensagem anticomunista e antipopulista do completo Ipes-Ibad. As direitas também estavam alinhadas com a Igreja Católica. Mesmo com a criação da Ação Popular (AP), em 1962, frente de esquerda dentro da Igreja Católica, o poder conservador católico era dominante e associava a defesa dos valores cristãos ao anticomunismo. Exemplo clássico e mais representativo é a Marcha Com Deus, Pela Família e a Liberdade que foi realizada em São Paulo, em 19 de março de 1964¹⁴.

¹⁴ Em 2017 foi realizada a 2ª Marcha Cristã pelo Brasil, em São Paulo, a qual pedia por uma intervenção militar. Disponível em: <http://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/10/marcha-crista-tem-pouco-de-religiao-e-muito-de-intervencao-militar.html>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

O complexo Ipes-Ibad também recebia apoio do exército e das multinacionais dos EUA. O governo norte-americano destinou recursos aos candidatos de perfil conservador aos governos estaduais e às candidaturas da Ação democrática Parlamentar (ADP), capitaneadas pelo Ipes-Ibad, nas eleições de 1962. “Tratava-se de um ideário liberal-conservador, apoiado na associação entre ‘democracia’, ‘liberdade’ e ‘livre empresa’, em oposição ao ‘comunismo’, ao ‘totalitarismo’ e ao ‘estatismo’ (DREYFUS, 1987 apud KAYSEL, 2015, p. 65).” Contudo, após o golpe militar, em 1964, os governos promoveram a expansão do setor estatal e reforçaram a estrutura sindical corporativista como mecanismo de controle. A ditadura adotou um modelo de desenvolvimento capitalista, o qual era dependente e associado, a fim de reorganizar e aglutinar os interesses das classes dominantes.

Em 1965, a ditadura extinguiu o sistema de partidos políticos por meio do Ato Institucional n.2, substituindo-o por um sistema bipartidário artificial. A agremiação oficial passou a ser a Ação Renovadora Nacional (Arena), composta em grande parte pelos membros da UDN e do PSD, ou seja, a direita. O pluripartidarismo voltou em 1979, em meio a um processo de abertura democrática e de contestação por parte do empresariado sobre a estatização. A Arena transformou-se em inúmeros partidos. Um exemplo significativo é o do Partido Democrático Social (PDS) que deu origem ao Partido da Frente Liberal (PFL), o qual se uniu ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), principal partido oposicionista.

Nos anos 1980, a direita, principal apoiadora da ditadura, passa a defender a liberalização econômica sob a sombra do momento constituinte (1987-1988). As políticas “neoliberais” contra a estatização foram aprofundadas na década de 1990 com a criação dos *think tanks* neoliberais, os quais recebiam apoio dos *think tanks* dos EUA. Com a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), a direita passou a se reorganizar para enfrentar a esquerda que se reerguia em meio à transição democrática e à crise econômica e social. Neste período, a polarização teve seu auge nas eleições de 1989, quando Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor (PRN) representavam projetos opostos para o Brasil. Fernando Collor tornou-se presidente e passou a implantar reformas neoliberais. Foi afastado por um processo de *impeachment* em 1992. A hegemonia neoliberal só seria consolidada em 1994, após a vitória de Fernando Henrique Cardoso para presidente pela coligação PSDB-PFL.

É evidente que a sociedade brasileira mudou extraordinariamente ao longo do século passado e início deste, mudando também os conteúdos dos discursos políticos que disputam seus rumos. Entretanto, nas últimas quatro décadas, diversos estudiosos do pensamento político-social brasileiro têm identificado a existência de longas “tradições”, ou “linhagens” de pensamento que perpassam nossa história política, cruzando o espectro esquerda-direita (Santos, 1978; Vianna, 1997; Brandão, 2007; Lynch, 2015). Assim, muitos dos discursos – tanto liberais como conservadores – que hoje conformam o imaginário político das direitas brasileiras possuem uma história que data do século XIX. (KAYSEL, 2015, p. 71-72)

Em 2002, o PT, principal opositor ao governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, inclinou-se para o centro e venceu as eleições presidenciais. O partido construiu uma coalizão com setores-chave das classes dominantes. De acordo com Kaysel (2015), o deslocamento para o centro e os programas de distribuição de renda foram os pilares dos oito anos dos governos Lula da Silva. As críticas ao seu governo recaem em escândalos de corrupção amplamente divulgados pelos meios de comunicação de massa, que atuam como articuladores das forças conservadoras do Brasil. É possível traçar alguns paralelos entre fatos passados e fatos da história recente, como o moralismo ‘udenista’ dos anos 1950 e 1960 com o moralismo das pessoas saíram às ruas clamando pelo impeachment da ex-presidente Dilma. Há similaridade entre as críticas ao “intervencionismo estatal” do primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014) e as críticas ao segundo governo de Vargas (1951-1954).

2.1.2 O comunismo no Brasil

A história do Brasil é marcada por golpes e crises. Ao longo do tempo, conspirações políticas – muitas vezes unindo aparato militar e os meios de comunicação hegemônicos – ergueu e derrubou governos. De acordo com Raoul Girardet (1987), o mito da conspiração se utiliza de símbolos de mácula para se referenciar. Os acontecimentos fazem parte de um plano preestabelecido, com um desfecho inexorável. Ao longo da história, as acusações de um complô foram utilizadas pelos poderes estabelecidos “para livrar-se de seus suspeitos ou de seus opositores, para legitimar os expurgos e as exclusões, bem como para camuflar suas próprias falhas e seus próprios fracassos (p. 49-50)”.

É possível verificar a afirmação de Girardet ao analisar a história do comunismo no Brasil e as incessantes tentativas dos governos de eliminar os comunistas da política do país. De acordo com Lilia Schwarcz (2015), a partir do final do século XIX – momento de intensa industrialização nos grandes centros, com a chegada dos imigrantes europeus ao Brasil, o anarquismo tupiniquim começou a tomar forma por meio da organização de movimentos grevistas. Os princípios da liberdade, da livre experimentação, da solidariedade e da fraternidade – ou seja, a abolição do capitalismo, em uma sociedade sem Estado, com comunidades autogeridas, são as bases do anarquismo. Os anarquistas no Brasil se organizaram para reivindicar as melhorias das condições de vida do trabalhador e o acesso à educação. Dividiram-se em dois grupos: os anarcosindicalistas e os anarcomunistas, estes últimos acreditavam na ação revolucionária por meio da insurreição.

Em 1922, ex-anarquistas e comunistas criaram o Partido Comunista (PC) no Brasil. Com fraca capacidade de mobilização desde a sua criação, o partido voltou a ter notoriedade na década de 1930, com a adesão de Luís Carlos Prestes ao partido. O PC seguiu como uma pequena organização clandestina, porém, fundamental no apoio e orientação à movimentos populares. A luta contra o fascismo, a reforma agrária, a garantia de direitos e das liberdades individuais, e o combate ao racismo eram pautas em oposição ao governo de Getúlio Vargas na década de 1930. A Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi uma frente popular apoiada pelo Partido Comunista. Após alguns levantes armados, chamados pelo governo de Intentona Comunista, financiados pela Internacional Comunista de Moscou, Vargas aprovou o estado de sítio e criou a Comissão de Repressão ao Comunismo. O governo encarcerou membros da ANL, comunistas e simpatizantes. Com forte apelo à fé cristã, a propaganda do governo transformou o comunismo no inimigo mais perigoso do Estado. Crimes como assassinatos, saques, depredações, invasões e estupros foram imputados aos comunistas:

A combinação entre censura, repressão e propaganda produziu uma tempestade ideológica que demonizou a atuação dos comunistas, infundiu terror no coração da população católica e das classes médias e altas, e consolidou um imaginário anticomunista que acompanharia a história política do país pelos cinquenta anos seguintes. (SCHWARCZ, 2015, p. 374).

O exemplo mais significativo da criação de acusações forjadas contra os comunistas foi o Plano Cohen. Um documento capturado pelo exército e publicado pela imprensa contava com um programa de tomada de poder pelos comunistas, com

direito a incêndios em prédios públicos, saques e fuzilamentos de civis. Com apoio dos jornais e dos programas de rádio, os quais intensificaram a repercussão do anticomunismo, Vargas utilizou o aparato da polícia militar nas ruas para impor uma nova Constituição ao Brasil e dar início à ditadura do Estado Novo, em 1937. O Partido Comunista voltou para a clandestinidade ao ter seu registro cassado em 1947, sob as alegações de ser um partido estrangeiro e antidemocrático, ao insuflar a luta de classes, fomentar greves e criar um ambiente de desordem. Em 1948, o Congresso Nacional cassou os mandatos de todos os eleitos pela legenda do PC. Em toda sua história o PC enfrentou a repressão e a clandestinidade.

A partir de 1962, no governo do presidente João Goulart, os movimentos sociais e as Ligas Camponesas trouxeram à tona o tema da reforma agrária. O PC tinha forte presença no campo, na estruturação de sindicatos rurais. As reformas de base de João Goulart incluíam a reforma agrária e recebiam o apoio da esquerda. A esquerda política era abrangente e plural, com a reunião de comunistas, socialistas, nacionalistas, católicos, trabalhistas, associações de sargentos, marinheiros, fuzileiros navais ou de estudantes, sindicatos e federações operárias ou camponesas, organizações e grupos revolucionários. Na luta contra as reformas de base estavam organismos extrapartidários, que financiavam campanhas eleitorais por meio de institutos, como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes). No contexto da Guerra Fria, o mundo estava dividido entre o capitalismo (EUA) e o comunismo (URSS). No Brasil, multinacionais estrangeiras ajudavam a financiar os institutos e garantir a eleição dos candidatos de oposição. Os institutos criavam e divulgavam materiais sensacionalistas que combatiam o comunismo, demonizando-o.

Na fachada, o Ipes era uma instituição que realizava estudos sobre a realidade brasileira, com apoio dos empresários brasileiros e de diretores de empresas multinacionais, ou seja, de orientação política conservadora e capitalista. Entretanto, a função real do Ipes era desestabilizar o governo – por meio de publicações, filmes, palestras – e bancar manifestações antigovernistas. Agiam em duas vertentes:

A primeira constitui na preparação e execução de um bem orquestrado esforço de desestabilização do governo, que incluía custear uma campanha de propaganda anticomunista, bancar manifestações públicas antigovernistas e escorar, inclusive no âmbito financeiro, grupos e associações de oposição ou de extrema direita. A segunda traçou estratégias de planejamento para subsidiar um novo projeto de

governo e de desenvolvimento para o país, aberto ao fluxo do capital internacional e com vocação autoritária. Ao contrário do que hoje se afirma, o Ipes não foi um mero disseminador de propaganda anticomunista ou um grupo de extrema direita ocupado em estocar armas. Era um núcleo de conspiração golpista com agenda própria; seus membros estavam inconformados e muito bem posicionados entre os conspiradores que viriam a derrubar Goulart e durante a ocupação do Estado após março de 1964. (SCHWARCZ, 2015, p. 441).

Em 1964, o Ipes preparou a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que legitimou o golpe civil-militar¹⁵ no Brasil por parte da sociedade civil. O golpe significou uma derrota para o Partido Comunista, que teve seus dissidentes perseguidos pela ditadura. A propaganda anticomunista da Era Vargas e do período relacionado à ditadura civil-militar formaram as bases do mito do comunismo no Brasil e do mito de um grande complô em curso no país, em que a prioridade seria combatê-lo. Os dois golpes – Estado Novo e a ditadura civil-militar – foram legitimados pelo medo de um levante comunista no Brasil.

2.2 A direita online

A Era da informação se organiza sobre a internet – sua base tecnológica – em forma de rede. As redes, conjuntos de nós interconectados, são práticas humanas que existem há tempos, e ganharam um novo fôlego com a internet. Foi a internet que proporcionou o surgimento de uma nova forma de sociedade, a “sociedade em rede”. Seja pela internet ou outras redes de computadores, “atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais (CASTELLS, 2003, p. 8)” são estruturadas por elas. JENKINS et. al. (2014) analisam a Web 2.0 sob um prisma menos revolucionário, já que os sites e os servidores ao alcance da massa, por exemplo, são propriedades de grandes conglomerados comerciais. Os interesses corporativos muitas vezes representam um papel antagônico às características da cultura participativa. A Web 2.0 em seu início já apresentava características de uma lógica cultural voltada ao comércio eletrônico e à exploração da cultura participativa. Os interesses das empresas

¹⁵ O golpe civil-militar de 1964 levou o Brasil a um período ditatorial de 21 anos (1964-1985). É considerado como civil-militar, já que parte da sociedade civil apoiou e foi de grande importância para a manutenção dos militares no poder (SILVA, 2014).

de Web 2.0 passaram a entrar em conflito com os interesses do público. No entanto, é a Web 2.0 que fornece as condições para a mídia propagável.

Entusiastas da internet viam na rede descentralizada uma alternativa aos meios de comunicação de massa, independente das corporações ou dos Estados. Ampliar a participação da sociedade, de maneira democrática e livre, está no cerne dos objetivos da internet. O ciberespaço, compreendido como um terreno livre, “permitiria governos mais transparentes, consultas públicas online, canais abertos para cidadãos reclamarem e parlamentares que efetivamente ouvissem seus eleitores (SILVEIRA, 2015, p. 214)”. Contudo, ao mesmo tempo em que induzia uma certa emancipação social, a internet passou a significar também o desmantelamento das liberdades, “favorecendo a fragmentação das ideologias, fortalecendo Estados totalitários e lideranças que aspiram a derrocada das democracias, bem como consolidando a supremacia dos mercados sobre a sociedade (SILVEIRA, op. cit., p. 2014)”.

A internet fez com que as barreiras e custos comunicacionais caíssem para quem desejasse se tornar um comunicador, ao passo que a dificuldade para ser ouvido, lido ou visto aumentou. Diferentes grupos culturais, religiosos e políticos passaram a utilizar a rede para a propagação de suas ideias, fomentando a diversidade de perspectivas, ao abrir espaço até mesmo para pontos de vistas contrários à democracia e à liberdade. Dessa forma, “a internet aumenta o poder de quem se propõe articular suas ideias e realizar conversações. Não aumenta só o poder de quem defende a democracia, a justiça ou as causas mais caras para a humanidade (SILVEIRA, 2015, p. 215)”. No campo ideológico e simbólico, a internet passa a significar um terreno de confronto. Independente do conteúdo, a reprodução de postagens é feita de acordo com a confiança, reputação e simpatia. O senso comum prevalece, sustentado por ideais capitalistas e de mercado. Para o autor, a esquerda encontra dificuldades em lidar com a forma interativa e horizontal da internet, ao contrário da direita que demonstra uma capacidade maior em se organizar, se recriar e se agrupar nas redes online.

As empresas de Web 2.0 fomentam uma cultura participativa na qual o público fornece algum tipo de “trabalho” em troca de pagamento social – atenção, reconhecimento, construção de identidade –, um contrato social implícito. A internet funciona como um código de comunicação, o qual permite que as pessoas se expressem de acordo com novas práticas sociais. As comunidades virtuais são manifestações dessas novas práticas sociais da internet. A diversidade de comunidades virtuais as

afastaram de uma “cultura comunitária unificada da Internet (p. 48)”, ideia inicial da contracultura intrínseca ao nascimento da cibercultura. Além de cibercrimes e da crise de legitimidade, a internet marginaliza àqueles que não têm acesso a ela ou têm acesso limitado. Atividades sociais, econômicas e políticas desenvolvidas na rede podem acentuar a desigualdade cultural e social.

O sistema global utiliza a internet para se conectar àquilo que precisa para suprir suas demandas, fragmentando sociedades e instituições, “em paralelo à interconexão dinâmica de firmas valiosas, indivíduos triunfantes e organizações sobreviventes (CASTELLS, 2003, p. 221)”. A configuração atual da cibercultura, do ciberespaço, da internet e das redes sociais levaram ao enfraquecimento das instituições políticas. A capacidade das sociedades se ajustarem aos choques de uma transição, por exemplo, foi reduzida. Este aspecto teve ampla influência na reorganização da direita, uniu conservadores e deu visibilidade aos movimentos reacionários.

Para compreender os mecanismos desenvolvidos pela direita brasileira na internet, Silveira (2015) cita as jornadas de junho de 2013. O Movimento Passe Livre (MPL), de esquerda, convocou um protesto para o dia 6 de junho de 2013 contra o aumento de vinte centavos na tarifa do transporte público em São Paulo (SP). Menos de 2 mil pessoas ocuparam importantes vias públicas e foram confrontadas pela Polícia Militar (PM) de São Paulo. A imprensa atacou o suposto vandalismo e a violência dos manifestantes.

Os protestos também eram chamados pelo MPL via o site de rede social Facebook. Os eventos dos dias 7 e 12 de junho tiveram baixa adesão. Entretanto, após o ataque dos meios de comunicação de massa, o evento do Facebook convocando participantes para a manifestação do dia 13 de junho contou com 28.228 confirmações. A PM reprimiu gravemente o protesto, prendeu e agrediu jornalistas, estudantes e transeuntes foram atingidos por balas de borracha e bombas. Aparelhos celulares foram utilizados para transmitir e postar, nas redes sociais e no YouTube, o que estava acontecendo, contrariando a visão dos acontecimentos transmitida pelos meios de comunicação de massa hegemônicos. A versão e a visão de quem estava na rua ganhava espaço para serem vistas e ouvidas.

Após o dia 13 de junho de 2013, atos foram convocados para o dia 17 de junho em várias cidades do país. O evento do Facebook da cidade de São Paulo contou com a confirmação de 287.457 pessoas. A PM mudou de postura, mas “a maior

mudança ocorreu na mídia, que passou a elogiar e a disputar a narrativa e a vontade dos manifestantes (SILVEIRA, 2015, p. 219)”. O sentido das manifestações passou a ser disputado pela mídia, pela esquerda e pela direita. As grandes empresas de comunicação continuavam a ter forte influência na cobertura dos fatos, porém, após junho de 2013, a cobertura realizada por manifestantes e coletivos, como a Mídia Ninja, se mostrou mais versátil e informativa que os veículos da grande imprensa. Entre as páginas do Facebook que foram mais compartilhadas durante os atos de junho de 2013 despontam as páginas de grupos ligados à direita conservadora:

A primazia do Movimento Passe Livre foi sendo minimizada durante o mês de junho. Nas movimentações de rede em torno do dia 20 de junho, as páginas mais compartilhadas no Facebook foram a do AnonymousBrasil, Movimento Contra Corrupção, Isso é Brasil e A Verdade Nua & Crua. Todas essas páginas possuíam um discurso de defesa da justiça em geral, da melhoria da vida e do combate à corrupção. Uma análise das práticas discursivas das postagens indica sua adesão ao pensamento da direita. (SILVEIRA, 2015, p. 221).

De acordo com Silveira (2015), as páginas que possuíam um discurso contra a corrupção, contra a Copa do Mundo que seria realizada no Brasil em 2014 e contra as políticas do governo do PT passaram a crescer em números de seguidores. Foi significativo o aumento de seguidores em páginas que enalteciam o deputado federal Jair Bolsonaro, como a da Organização de Combate à Corrupção (OCC). A página do Movimento de Combate à Corrupção (MCC) não possuía 100 mil de curtidas até junho de 2013. Após esse período ganhou mais de 1 milhão de seguidores. Entretanto, as páginas de esquerda como a do Movimento Passe Livre e a da Mídia Ninja, entre junho e dezembro de 2013, foram as que tiveram um crescimento mais vertiginoso em números de curtidas.

Após 2013 as redes sociais na internet se consolidaram como um espaço de disputa política e como uma plataforma de mobilização. Partidos tradicionais – de direita, de centro ou de esquerda – apresentaram dificuldades em acompanhar e em apresentar suas ideias nas redes digitais. Dessa forma, a internet deu espaço para o aparecimento de novas lideranças e novos articuladores políticos. Disputar o senso comum das redes sociais foi mais difícil para a esquerda, já a direita cresceu “compartilhando reportagens da revista Veja, textos de Olavo de Carvalho, discursos do Bolsonaro, notícias contra a corrupção do PT combinadas às críticas contundentes às políticas sociais do governo Lula. Emergiu assim uma nova direita (SILVEIRA, 2015, p. 223)”.

Silveira (2015) salienta a relação dos memes com o senso comum, os quais dialogam diretamente. A disputa política nas redes sociais muitas vezes é realizada por meio dos memes da internet. Para compreender de maneira holística a esfera pública em que se formam as opiniões públicas é preciso analisar as redes sociais online. O site de rede social Facebook apresenta um grande número de debates e embates políticos. Para o autor, a força da direita na internet está fundamentada na associação entre os memes e o senso comum. Três tipos de conteúdo formam os memes utilizados para desconstruir as práticas e os pensamentos de esquerda: 1) a esquerda como culpada pelas práticas de corrupção no governo; 2) a esquerda como criadora de políticas em prol dos pobres que não querem trabalhar; 3) a utilização dos direitos humanos para que criminosos continuem impunes.

A direita na rede aprendeu a trabalhar com seus valores reforçando o senso comum construído em anos e anos de opressão das periferias, dos jovens negros e pobres, enfim da exploração do trabalho alheio e do uso da máquina do Estado para ampliar negócios privados. A direita combina diversos tipos de discursos, do humor que satiriza o pobre, o fraco e o diferente, ao discurso genérico contra as injustiças. Injustiça é algo que depende da definição de justiça, mas a direita não se priva de utilizar até frases de líderes da esquerda e da luta contra o racismo nos Estados Unidos e na África do Sul. Os *memes* da direita capturavam pessoas que não se identificavam com sua agenda, mas queriam um mundo melhor e acreditam em uma sociedade mais justa. (SILVEIRA, 2015, p. 225, grifo do autor).

Nas eleições de 2014, cerca de 42 páginas no Facebook operaram em prol da direita. O foco era a desconstrução do PT e de suas candidaturas, sem declarar apoio ao PSDB. Essas páginas somaram seus esforços às agências de publicidade contratadas formalmente para a campanha eleitoral. Segundo Silveira (2015), plataformas que controlam a visualização dos conteúdos e que cobram para levar uma mensagem a mais pessoas contrariam a comunicação horizontal da internet. É o caso do Facebook que “reestabeleceu a comunicação *broadcasting* no interior das redes distribuídas, ou melhor, retomou as formas de controle vertical baseadas no dinheiro (SILVEIRA, op. cit., p. 226)”. O poder econômico e a comunicação de forma vertical passam a exercer o controle também nas redes sociais, da mesma maneira que ocorre nos meios de comunicação de massa. Segundo Silveira (2015), o poder econômico beneficiou mais as forças da direita, já que os compartilhamentos das postagens de direita eram quase sempre superiores aos de esquerda.

Após a reeleição de Dilma Rousseff para o Poder executivo e a tomada do Poder Legislativo pela direita, algumas páginas de direita passaram a clamar pelo *impeachment* ou pela intervenção militar. A Operação Lava Jato, os escândalos da Petrobrás e a derrota do governo ao disputar a presidência da câmara fortaleceram a ação dos grupos de direita nas redes. Muitos dos apoiadores do governo passaram a não mais defender as ações da presidente, como o não confronto das políticas de direita, o apoio dado a Joaquim Levy e o ajuste fiscal para agrado dos tucanos. De acordo com Silveira (2015), no primeiro semestre de 2015 a audiência diária das páginas de direita era de 40 milhões de pessoas. O discurso propagado pelas páginas tinha como mote o neoliberalismo e o conservadorismo – como o exemplo das páginas que pediam a intervenção militar. Exemplo de página da internet que representa valores neoliberais e conservadores é a página *O Retrógrado*, fonte dos memes analisados nesta pesquisa.

A direita passou a ser representada no Facebook por páginas como: Revoltados ON LINE, Vem Pra Rua Brasil, Folha Política, Movimento Brasil Livre (MBL), TV Revolta, Movimento Contra Corrupção, FORA PT, Olavo de Carvalho, OCC – Organização de Combate à Corrupção, Partido Novo, entre outras. O senador Ronaldo Caiado (DEM-GO) e o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) também cresceram nas redes sociais. Os pastores Silas Malafaia e Marco Feliciano (PSC-SP) mobilizam o imaginário conservador por meio do senso comum sobre assuntos como orientação sexual, política de gênero, educação, concepção de família e política criminal, por exemplo.

De acordo com Silveira (2015), os “militantes de sofá” têm a sua importância pois contribuem para a disseminação de mensagens que perpetuam o senso comum nas redes. A “autocomunicação de massas” se estrutura sobre as pessoas que até então só manifestavam suas opiniões políticas em uma roda presencial de amigos, mas que com as redes sociais passaram a registrá-las online, por exemplo, no Facebook. Registro esse em formato de post em um site de rede social que pode ser compartilhado por infinitas pessoas dependendo das configurações de privacidade.

Entretanto, as redes permitiram que uma direita mais conservadora, pouco expressiva no próprio parlamento e na mídia tradicional, mas com forte capacidade de mobilizar o senso comum e expressões de ódio e preconceito, reunisse pessoas dispersas e avançasse na articulação de adeptos. A atividade é a essência da mobilização em rede. (SILVEIRA, 2015, p. 229).

O pensamento da direita possui mais aderência ao senso comum, uma vez que a sociedade capitalista só pode sobreviver se reproduzir sua dinâmica como algo quase natural. A internet reduziu os custos de comunicação e de articulação, mas as forças de esquerda deram pouca importância àquilo que Gramsci chamava de luta pela hegemonia cultural da sociedade. O sucesso de combate à pobreza extrema realizado pelo governo Lula parece ter consolidado a ideia de que somente se muda a sociedade ocupando os governos. Isso não é empiricamente evidente. A mudança pode ser um clamor da sociedade que dobra o Estado. Além disso, não será possível fazer avançar as políticas de esquerda que necessariamente questionam a supremacia do capital sobre o social sem uma ampla ação de conscientização, muitas vezes de enfrentamento do senso comum. Atuar nas redes contra o obscurantismo requer o enfrentamento da estética do cinismo que a direita consolida na imagem do presidente da Câmara¹⁶ bradando por um Brasil sem corrupção. Também requer que a esquerda faça autocrítica de ter atuado com os mesmos mecanismos da direita. Não se muda a realidade histórica de modo consistente pelo caminho do opressor. Repensar as principais pautas, voltar aos trabalhos de organizar as lutas sociais e à disputa cultural significa também atuar nas redes em que suas múltiplas possibilidades. (SILVEIRA, 2015, p. 230).

De acordo com Susan Buck-Morss (2012), a tecnologia amplia o poder humano ao mesmo tempo em que intensifica a sua vulnerabilidade. Entretanto, tal vulnerabilidade é dissociada do corpo físico, proporcionando algumas distinções em um mesmo sujeito: “(...) um corpo estático cujo comportamento pode ser calculado; um corpo atuante cujas ações podem ser cortejadas como a “norma”; um corpo virtual, capaz de suportar sem dor os choques da modernidade (p. 185)”. Buck-Morss (2002) revisita a obra inacabada *Passagen-Werk* (1927-1940), de Walter Benjamin, com a qual é possível identificar o espaço urbano como um lugar de expectativas, sonhos e mitos. A partir de uma Paris urbana, capital da França, no século XX, Benjamin estabelece as relações entre a cidade, a luta de classes, a moda, a técnica e a mídia. Em *Passagen-Werk*, Benjamin busca desmitificar o progresso histórico automático, por meio do materialismo histórico, com o qual defende o princípio da atualização ao invés do progresso. Benjamin critica a ideia de progresso automático e natural. Para ele, a natureza progride historicamente, mas a tecnologia e a indústria apenas progridem no

¹⁶ Na época Eduardo Cunha (PMDB), atualmente condenado por lavagem de dinheiro, corrupção passiva e evasão de divisa.

nível dos modos de produção, enquanto as relações de classe e de exploração não se alteram.

2.3 Mitologia do comunismo brasileiro

A mensagem de um mito só é transmitida com eficácia quando existe certa disponibilidade por parte dos receptores para aceitá-la, ou seja, quando os códigos já existem no imaginário. Os mitos políticos desenvolvem-se equilibrando a fábula e a abstração da realidade. Os mitos ganham destaque e são reatualizados em momentos de incerteza e angústia. Os instrumentos midiáticos da Era Vargas, os institutos de pesquisa e a imprensa em 1964 criaram um ambiente propício para o florescimento do mito do comunismo no Brasil e a reatualização do mito de um complô comunista. A crise política e econômica brasileira, intensificada após as eleições presidenciais de 2014, trouxe à tona para parte da população o medo coletivo de uma conspiração comunista. Este medo, muitas vezes fundamentado em discursos de ódio, é externado na internet por meio dos memes. Uma aparente racionalidade traz a sensação de reestabelecimento em meio a fatos desconcertantes. O mito do complô aparece como resposta ou reação a um sentimento de ameaça.

Além do abandono do capital financeiro, após as marchas de junho de 2013, o governo petista passou a perder o apoio da esquerda. Com a crise dos transportes urbanos e esfacelamento das políticas públicas, os movimentos sociais simbolicamente representados pelo Movimento Passe Livre cobravam reformas democráticas. Neste contexto, Fernando Henrique Cardoso, com a proposta de uma guinada à direita, e José Serra, que utilizou o anticomunismo como mote na eleição presidencial de 2010, contribuíram para inflamar o “delírio arcaico do velho anticomunismo brasileiro (AB’SÁBER, 2015, p. 40)”. Mesmo na época do ex-presidente Lula, quando a economia ia bem e o bem-estar social era ao menos aparente, o governo petista ganhava de seus opositores a alcunha de socialista e comunista, como se os dois conceitos representassem o mesmo significado. Com a instabilidade política e econômica intensificada após 2014, o mito de um complô comunista em curso ganhou cada vez mais força. No caso do contexto histórico brasileiro analisado nesta pesquisa, fica evidente a utilização do mito em um jogo político polarizado. Ou você está do lado da oposição ou você é comunista. O que se viu no Brasil durante os últimos anos foi a

reatualização do mito de uma conspiração em curso, porém, fomentada pela oposição ao poder estabelecido.

Segundo Ab'Sáber (2015) a crise brasileira é fruto de uma crise do capitalismo mundial, do desfalecimento do Partido dos Trabalhadores (PT), da escolha de Dilma Rousseff pelo ex-presidente Lula para ser sua sucessora e as consequências desta decisão. Dilma, ao mesmo tempo em que era vista de forma carinhosa e maternal – mãe do PAC – por parte de seus eleitores e por Lula, é considerada responsável pela crise interna do próprio governo. Quando a operação Lava Jato¹⁷ tomou corpo e visibilidade e os desvios da Petrobras foram comprovados, movimentos civis, formados sobretudo pela internet – Movimento Brasil Livre (MBL) e Vem pra Rua –, endossados pela mídia tradicional hegemônica, começaram a tomar as ruas do país. As manifestações tinham como mote principal o protesto contra a corrupção, direcionadas ao governo petista e a favor do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Parte dos manifestantes pedia o retorno da ditadura civil-militar, outros apoiavam políticos de índole e caráter duvidosos – bastava não ser do PT. As ações do governo petista passaram a ser compreendidas a partir da lógica do mito de uma conspiração comunista. Mesmo com a imprensa livre, com investigações contra a corrupção prendendo membros da cúpula do próprio PT – sem nenhuma intervenção dos ex-presidentes Lula e Dilma que sempre reafirmaram seus compromissos com a democracia –, o anticomunismo ganhou força.

Com a oposição à direita, representada pelo capital financeiro e pelos meios de comunicação de massa, e com o afastamento dos movimentos sociais de base à esquerda, o cenário de uma crise política e econômica se instaurou no país. A oposição à direita encontrou nas operações de crédito – as pedaladas fiscais – o motivo principal para pedir o impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff em 2015, processo que culminou no afastamento da ex-presidente em 2016. É em contextos de crise que os mitos políticos ganham força no imaginário das pessoas. De acordo com Ab'Sáber (2015), com o grande capital contra o governo, o brasileiro médio, antipetista e anticomunista entra em cena na política real, “deixando de expressar privadamente um mero ressentimento rixoso, carregado de contradições, contra o relativo sucesso do governo lulo-petista, que jamais pode ser verdadeiramente compreendido por ele (p.

¹⁷ Operação de investigação da Polícia Federal que apura a prática de crimes financeiros e desvios de recursos públicos envolvendo a Petrobras, empreiteiras e partidos políticos. Fonte: <http://www.pf.gov.br/imprensa/lava-jato>. Acesso em 23 de maio de 2017.

35)”. O brasileiro médio herdou e se apropriou das ruas a partir dos movimentos de 2013, originalmente críticos ao governo e de esquerda. Se manifestou em massa, quando convocado pela internet e pelos meios de comunicação hegemônicos. Anticomunistas e mídia se retroalimentaram.

O anticomunismo atrasado brasileiro é regressão da política. Regressão aos argumentos de força e redução da diferença, e implica gozos baixos, do ódio que poderia se alçar ao sadismo, simplificação de toda vida pública e social e do direito ao desprezo do destino da vida popular. É uma política do direito ao ódio fixado, frente à vítima escolhida (AB’SÁBER, 2015, p. 44).

Por mais que o comunismo, como foi teoricamente concebido, nunca tenha sido colocado em prática em nenhum país do mundo, ainda permeia o imaginário do brasileiro médio e das classes altas de forma latente. Resquício do século XX e das ditaduras brasileiras, o comunismo reside no imaginário como total negação a qualquer tipo de realização democrática. É a redução da política brasileira a um maniqueísmo típico da guerra fria, em que influenciados pelo imperialismo americano, só era bom o que era relacionado aos EUA capitalista, ao passo que tudo o que era relacionado à ex-URSS socialista era demonizado:

O anticomunismo é estratégia extremada – ancorado no arcaico liberalismo brasileiro, com fumos de fidalguia, as famosas raízes do Brasil, de origem ibérica e escravocrata – de resgatar o governo de compromissos, como no caso dos governos Lula e Dilma, sejam de fato os da inserção de massas no mercado de consumo e de trabalhos, evidentemente pró-mercado, capitalista. (AB’SÁBER, 2015, p. 37).

Ab’Sáber (2015) utiliza termos como paranoia, alucinação e neo-transe para se referir às motivações que inflamam o anticomunismo associado aos governos petistas. Após as eleições presidenciais de 2014 e após o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, assuntos relacionados à esquerda, direitos humanos e políticas progressistas – afirmativas e de inclusão – passaram a ser considerados comunistas, a partir de associações delirantes, antes de qualquer reflexão.

Segundo Zygmunt Bauman (2008), o ser humano vive com o sentimento de estar suscetível a algum perigo, o chamado “medo derivado” ou de “segundo grau”. O estudo de Bauman (op. cit.) sobre o medo faz parte do contexto atual chamado por ele de “ambiente líquido-moderno”. Os medos cultivados não são detidos, pois não importa se uma suspeita é verdadeira, a fuga se apresenta como a melhor opção. Para evitar uma catástrofe é preciso acreditar na sua possibilidade.

As pessoas tendem a acreditar mais no que veem, a partir de um mecanismo egoísta em que para evitar a própria exclusão é preciso excluir o outro. Bauman (2014) identifica três razões para se ter medo: a ignorância, a impotência e a humilhação. A partir destas três razões é possível compreender os motivos que levam à efervescência de mitos políticos em momentos de crise. A ignorância está relacionada a não saber o que vai acontecer. No caso da política e da economia, a dificuldade para acompanhar as informações diárias no contexto das redes sociais e da mídia hegemônica faz com que o cidadão cultive a ignorância. A distância entre as instâncias de poder e a população leva à impotência. A humilhação aparece como uma consequência das duas primeiras razões, quando percebe-se que “nossa indevida procrastinação, preguiça ou falta de vontade são em grande parte responsáveis pela devastação causada pelo infortúnio (p. 88)”.

Os mitos têm a função de explicar e de dar sentido aos acontecimentos. Compreender as raízes da direita brasileira e sua ligação com o anticomunismo é importante para apurar quais características do imaginário acerca do comunismo estão presentes nos memes da internet analisados no capítulo 4.

3 OS MITOS

Os motivos primordiais e básicos que formam os mitos são os mesmos desde a gênese da mitologia, com seus primeiros registros na antiguidade. A representação e a forma com que um mito se cristaliza variam de sociedade para sociedade, entretanto, o seu motivo básico continua o mesmo. De acordo com Campbell (2016), “quando as mitologias se tornam muitas, entram em colisão e em relação, se amalgamam, e assim surge uma outra mitologia, mais complexa (p. 23)”. Dessa forma, em conjunto, os mitos se fortalecem em um intrincado sistema mitológico. As sociedades imputam aos mitos a tarefa de explicar o cotidiano ou de apresentar soluções para problemas complexos. A necessidade de uma explicação e a resolução de problemas incompreendidos aparecem potencializados no início e no final de ciclos, momentos marcados por turbulência, sofrimento e crises.

Campbell (2016) identifica duas espécies de mitologia: uma que relaciona o ser humano com a natureza e outra que liga o ser humano a uma sociedade. Dessa maneira, cada indivíduo pode se relacionar com os aspectos mitológicos que mais se correlacionam com a sua vida. O autor também determina quatro funções para os mitos: 1) Abrir o mundo para a dimensão do mistério. Uma função mística; 2) Corroborar com a ciência em uma dimensão cosmológica; 3) Validar uma ordem social. Variam de lugar para lugar, com uma função sociológica; 4) Ensinar como viver a vida humana independente da circunstância. Uma função pedagógica. De acordo com Mircea Eliade (2002), o mito retira o ser humano de seu tempo histórico e cronológico, ao narrar acontecimentos de um tempo primordial e sagrado. O ser humano é projetado ao “Grande Tempo”, o qual não pode ser medido. “(...) o mito implica uma ruptura do Tempo e do mundo que o cerca; ele realiza uma abertura para o Grande Tempo, para o Tempo Sagrado (p. 53 - 54).”

Os mitos nascem de tomadas de consciência que se expressam em formas simbólicas, na tentativa de lidar com as questões relacionadas à vida do ser humano em sociedade, seja na relação com a natureza ou com o cosmos. A ebulição de elementos mitológicos acontece em momentos de transformação da consciência, na busca de encontrar um caminho para essa transformação e uma luz com respostas para os questionamentos. O sujeito encontra a sua conexão com o corpo social por meio dos mitos, para sentir-se vinculado a uma estrutura maior. Existem duas maneiras de

explicar, de acordo com Campbell (2016), a natureza dos mitos. A primeira é por meio da psique humana que é essencialmente a mesma em todo o mundo:

A psique é a experiência interior do corpo humano, que é essencialmente o mesmo para todos os seres humanos, com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir desse solo comum, constitui-se o que Jung chama de arquétipos, que são as ideias em comum dos mitos (p. 53).

Para compreender melhor os arquétipos do inconsciente de Jung, os quais permitem a origem dos mitos na psique humana, Campbell (2016) explica que a origem destes é biológica. Os arquétipos são ideias elementares que aparecem ao longo da história humana em diferentes períodos. Contudo, suas manifestações se apresentam de maneiras diversas de acordo com o ambiente e com o contexto histórico.

Aspectos históricos e psicológicos formam a base de sustentação dos mitos. Seja para integrar o indivíduo à sociedade ou à natureza, os mitos funcionam como uma força harmonizadora. É por meio de símbolos e metáforas ligados à cultura e ao cotidiano que os mitos ganham força e se renovam ao longo do tempo. Campbell (2016) destaca a repetição dos conteúdos mitológicos, em que os contextos e as formas de cristalização se alteram, mas em que a ideia primordial continua a mesma. As sociedades buscam na figura do herói uma imagem que projete todas as suas tendências individualistas. Entretanto, o caráter ambíguo dos mitos permite que o herói para uma sociedade ou grupo social seja um vilão para outra sociedade ou outro grupo social. Este aspecto ambíguo dos mitos fica explícito no campo político, em que para determinado partido ou grupo de pessoas a figura de um político é vista de maneira heroica, enquanto para outro partido ou grupo de pessoas a figura do mesmo político é vista de maneira totalmente oposta.

3.1 Os mitos políticos

O estudo da mitologia no tempo presente causa estranhamento. Para o senso comum, o mito está relacionado ao passado ou a uma mentira fantasiosa inventada para explicar os fatos do cotidiano ocorridos antes da tomada da consciência histórica pela humanidade. Raoul Girardet (1987) demonstra os significados pulverizados que o mito possui na história e na antropologia. O mito funciona como uma narrativa do passado, mas também como explicação do presente. A constituição da

realidade permite-se explicar por meio de mitos que nasceram em um tempo imemorial e sagrado. Para alguns, uma ilusão contra o raciocínio lógico. Seja qual for a definição, os mitos incitam a ação e o movimento das sociedades dos tempos pré-históricos até hoje. A presença dos mitos está emaranhada em todas as nuances das sociedades e de forma exorbitante na política. A partir disso e das constelações mitológicas de Gilbert Durand – mitos sobre um mesmo tema que possuem um núcleo central –, Girardet (1987) identifica quatro grandes conjuntos mitológicos: a Conspiração, a Idade de Ouro, o Salvador e a Unidade.

O mito político é uma fabulação que recusa o real, mas o explica ao mesmo tempo. A explicação vem com a missão de ordenar o caos perante os acontecimentos, em busca da compreensão do presente. A essência dos mitos contemporâneos é a mesma dos mitos sagrados das sociedades tradicionais, com características polimorfas: “uma mesma série de imagens oníricas pode encontrar-se veiculada por mitos aparentemente os mais diversos (GIRARDET, 1987, p. 15)”. Um mesmo mito pode oferecer significações variadas sobre um mesmo objeto, situação ou pessoa. A ambivalência da significação do mito reside em sua dialética dos contrários, aspecto fundamental em sua estruturação. “As possibilidades de inversão do mito não fazem senão corresponder à constante reversibilidade das imagens, dos símbolos e das metáforas (GIRARDET, op. cit., p. 16).” O caráter de ambivalência e de inversão dos mitos dialoga com os memes e a predisposição destes para a inversão de seu conteúdo como mostra o capítulo 1. No caso da política, um meme político que apresenta uma determinada mensagem mitológica para um grupo de pessoas, pode representar uma mensagem oposta para outro grupo.

Segundo Raoul Girardet (1987), em momentos de crise as pessoas ficam mais suscetíveis ao seu inconsciente. O mito funciona como uma narrativa que ajuda a criar um sentido para o mundo, por meio da reprodução de símbolos que operam no inconsciente. Um mito político pode possuir muitos significados ao mesmo tempo, como: mentira, fabulação, dinâmicas do inconsciente e narrativa explicativa da realidade. É preciso cautela, já que um mito possui sua própria lógica, e pode inverter seu próprio significado, ou seja, é ambivalente (FONSECA, 2014). Os memes explorados no capítulo 4 se enquadram no conjunto mitológico da conspiração. Porém, é necessário uma visão holística sobre os quatro conjuntos para uma análise mais elaborada.

Mito da Conspiração: Um grupo de pessoas é responsável por uma conspiração que fomenta as mazelas sociais, atentados e desordens. Pessoas com hábitos sombrios e personalidade difusa. A forma de representação de um complô relega os participantes à margem da sociedade, o que dificulta a empatia da população por suas ideologias. Assim, “não há nenhuma destas construções que não possa ser interpretada como uma resposta a uma ameaça, (...) e pouco importa, no caso, a exata medida da realidade dessa ameaça (GIRARDET, 1987, p. 54)”. O comunismo passou a ser demonizado intensamente com o agravamento da crise política brasileira¹⁸. O termo comunista passou a ser sinônimo de esquerda para muitas pessoas, sempre associado à destruição da família tradicional brasileira, à corrupção, à violência e ao suposto complô para a implantação de uma ditadura comunista no Brasil. Uma aura ameaçadora é colocada sob as pessoas com afinidades políticas aos pensamentos de esquerda, imigrantes, LGBTQs e minorias políticas em geral.

Figura 14 - Memes de persuasão que demonizam o comunismo



Fonte: Página O Retrógrado

Mito do herói salvador: Em momentos de desequilíbrio e crise, a sociedade clama pela intervenção de um herói salvador. O herói “Profeta” é definido como anunciador dos novos tempos. “Ele próprio é conduzido por uma espécie de impulso sagrado pelos caminhos do futuro. É um olhar inspirado que atravessa a opacidade do presente (GIRARDET, 1987, p. 78).” É evidente a cristalização do mito do herói salvador na figura do Deputado Federal Jair Bolsonaro, do Partido Social

¹⁸ "Comunista tem que morrer". Ato contra imigrantes termina em violência. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/comunista-tem-que-morrer-ato-contra-imigrantes-termina-em-violencia>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.

Liberal (PSL)¹⁹. Os memes replicados pela página *O Retrógrado* explicitam este fato, já que muitos chamam o deputado pelo apelido *Bolsomito*, projetando nele as características heroicas daquele que pode livrar o Brasil de todos os males.

Figura 15 - Meme de discussão pública com heróis anti-comunistas



Fonte: Página *O Retrógrado*

Mito da Era de Ouro: O adepto desse mito percebe o presente como um tempo de corrupção dos valores e das instituições. Isso resulta em uma evocação de tempos passados, de retorno a um tempo de harmonia e organização (GIRARDET, 1987). O mito da Era de Ouro ressurge em tempos de mudanças e de incertezas, com a intenção de trazer a segurança inalterável das memórias do passado. Os movimentos pedindo uma intervenção militar constitucional remetem ao Mito da Era de Ouro. É evidente o desejo dessa parcela da população por uma volta aos tempos de ordem, meritocracia e progresso – mesmo que na verdade não tenham sido reais²⁰ – representado pelo período da ditadura civil-militar (1964 – 1985). A Figura 16 abaixo traz a ideia de que quando os estudantes oravam antes das aulas, o respeito era maior. Ou então a ideia de que antes do governo do PT as salas de aula eram mais disciplinadas, o que não é possível aferir. Inclusive, mesmo de forma tímida, a educação

¹⁹ Novo partido de Bolsonaro racha com sua filiação. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/novo-partido-de-bolsonaro-racha-com-sua-filiacao/>. Acesso em 22 de fevereiro de 2018.

²⁰ A economia na ditadura. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/a-economia-na-ditadura>. Acesso em 03 de novembro de 2017.

evoluiu durante o governo petista²¹. A postura de oração remete às religiões cristãs. Salvo exceções de colégios particulares religiosos, orar antes das aulas não deveria ser uma conduta aplicada em escolas públicas, já que o Estado brasileiro é laico e deve respeitar todos os tipos de crença, inclusive as pessoas que não possuem uma.

Figura 16 - Memes de discussão pública que propagam o mito político da Era de Ouro



Fonte – Página O Retrógrado

Mito da Unidade: Este mito revela o anseio por uma sociedade homogênea, unida em prol de um bem comum. “Para além de suas formulações doutrinárias, a temática da Unidade revela, em compensação, um segundo plano de construção mítica surpreendentemente rico, uma rede singularmente densa de representações oníricas, de imagens e de símbolos (GIRARDET, 1987, p. 146).” O Mito da Unidade ganha força com o fomento do patriotismo da nação na luta contra as mazelas sociais. A corrupção, o comunismo e as minorias políticas aparecem como o inimigo que precisa ser combatido para que o país volte a ter suas características nacionalistas de volta.

²¹ 10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/09/02/10-%C3%ADndices-econ%C3%B4micos-e-sociais-nos-13-anos-de-governo-PT-no-Brasil>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

Figura 17 - Meme de discussão pública que remete ao Mito político da Unidade



Fonte: Página *O Retrôgrado*

Bronislaw Baczko (1985) indica a associação entre a imaginação e o poder como importante estratégia simbólica para a manutenção do poder político, para a legitimação de violência e para autenticar dispositivos de repressão. Ao longo da história o imaginário das mais diversas sociedades foi alimentado por mitos seculares que carregavam ideologias ocultas. Seja para desvalorizar a imagem de um adversário ou para exaltar suas próprias causas, os mitos são utilizados para impulsionar a manipulação dos imaginários. As imagens que uma pessoa tem de si mesma e as imagens sobre outras pessoas estão intrinsecamente relacionadas às relações sociais e às instituições políticas. Evidente que a paixão e as subjetividades do ser o aproxima da linguagem dos símbolos que formam os mitos. Os memes da internet são importantes instrumentos na busca de poder e de controle da imaginação coletiva. De acordo com Michelet apud Baczko (1985), o imaginário expressa as expectativas e as aspirações de um povo. O imaginário também expressa conflitos, como aqueles entre um povo dominado e as forças que o oprimem.

3.1.1 A Conspiração

No mito da conspiração, a lógica da manipulação substitui a imprevisibilidade dos fatos. Os acontecimentos passam a ser os resultados de um plano preestabelecido, em que apenas o executor conhece o desfecho. Girardet (1987) utiliza pontos em comum dos mitos criados sobre o sinédrio do judaísmo universal, a Companhia de Jesus e a Maçonaria para verificar os pontos em comum do mito da conspiração. Tais mitos giram em torno de uma organização, formada por pessoas que

se encontram em segredo em locais clandestinos para realizar suas reuniões. As organizações possuem uma rede de hierarquia e um líder, o qual coordena os rituais praticados pelos participantes.

Essencialmente, o mito da conspiração ganha força em momentos de incerteza e angústia social, como os grandes medos coletivos. As bases deste mito estão calcadas em um sentimento quase instintivo de reação a uma ameaça ou a uma possível ameaça, geralmente acerca de um grupo que deseja submeter a ordem das coisas a ele. Muitas vezes o mito da conspiração aparece como uma projeção negativa, ou uma expressão invertida, sobre o Outro. Girardet (1987) questiona: “A ordem que o Outro é acusado de querer instaurar não pode ser considerada como o equivalente antiético daquela que se deseja por si próprio estabelecer? (p. 62)”. O mal como a inversão do bem está presente em toda a mitologia, não só entre os mitos políticos, pois o mito sempre carrega as características de polimorfia e de ambivalência.

De acordo com Girardet (1987), a reestruturação mental é uma função essencial da atividade mítica. Ao longo da história, a acusação de um complô legitimou expurgos e exclusões, além de camuflar as próprias falhas e os próprios fracassos dos poderes estabelecidos. Há uma grande carga de densidade histórica no desenvolvimento do mito da conspiração, o qual não possui um caráter elevado de abstração. A realidade é agregada ao mito a partir de conexões com dados factuais, verificáveis e apreensíveis. Por meio de uma lógica de fatos reduzidos, o mito da conspiração, ou complô, preenche a função social de explicação. Aparentemente inflexível, esta lógica faz com que a causa ou o assunto temido ceda “diante de um sistema organizado de evidências novas. O destino volta a ficar inteligível; uma certa forma de racionalidade, ou pelo menos de coerência, tende a restabelecer-se no curso desconcertante das coisas... (GIRARDET, op. cit., p. 55)”.

Em momentos históricos de desnorteamento coletivo, que evidenciam uma sociedade fragmentada e desarticulada, o mito da conspiração substitui os sentimentos de impotência e isolamento pelo desejo de uma comunidade integradora, sólida e solidária. O político e o sagrado se unem na busca de uma ordem e de uma unidade. Um mito pode ser associado a outros mitos para ganhar força de reverberação. É o caso do mito da conspiração, que se perpetua ao lado do mito da unidade ou do herói salvador, já que o complô é mais facilmente combatido com uma sociedade unida ou em sociedade com um líder que a guie para a resolução de todos os problemas. De

maneira geral e em níveis diferentes, as características acima estão presentes em todas as narrativas mitológicas que envolvem uma conspiração. Nesta pesquisa, os memes analisados sobre este conjunto mitológico é o mito do comunismo no Brasil. O mito do comunismo no Brasil e sua propagação por meio dos memes da internet é analisado no capítulo 4.

3.1.2 O Herói Salvador

A narrativa mítica do herói salvador se articula sobre a história de um grande homem com o qual as pessoas se reconhecem. O apelo ao herói salvador se repete na história em momentos nos quais a sociedade defende seus antigos padrões ao sentir suas formas de vida ameaçadas. Seja mesclando o real e o imaginário, ou a criação espontânea e a criação intencional, o processo de heroificação, segundo Girardet (1987), apresenta-se em períodos organizados e sucessivos:

Há o tempo da espera e do apelo: aquele em que se forma e se difunde a imagem de um Salvador desejado, cristalizando-se em torno dela a expressão coletiva de um conjunto, na maior parte das vezes confuso, de esperanças, de nostalgias e de sonhos. (E é possível que essa imagem jamais se encarne em um personagem existente, que a espera permaneça vã, o apelo jamais ouvido...). Há o tempo da presença, do Salvador enfim surgido, aquele, sem dúvida, em que o curso da história está prestes a se realizar, mas aquele também em que a parte de manipulação voluntária recai com o maior peso no processo da elaboração mítica. E há ainda o tempo da lembrança: aquele em que a figura do Salvador, lançada de novo no passado, vai modificar-se ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e de suas amplificações (p. 72).

Quando o mito do herói salvador ganha amplitude coletiva, a tendência é que ele combine sistemas de imagens ou de representações. Dessa forma, o imaginário das pessoas passa a projetar aspirações diversas sobre o herói, em algumas vezes até contrariando-se. Um mesmo personagem cristaliza múltiplas imagens. É comum ao desenvolvimento histórico dos mitos políticos a ocorrência de tempos fortes e de tempos fracos, a alternância entre momentos de efervescência e momentos de remissão (GIRARDET, 1987). O mito do herói salvador se legitima sobre a ordem que precisa ser mantida, sem ser contestado ou questionado. O Outro é visto como inimigo, causador do desequilíbrio e das incertezas, por isso a intervenção do herói se faz necessária.

Girardet (1987) identifica dois tipos de herói salvador que surgem em momentos de ruptura ou de questionamento do poder político. O primeiro é a figura do protetor, aquele que vem para suprir as lacunas deixadas por um pai ausente, na substituição da autoridade paterna. Respeito e devoção são sentimentos gerados por este herói protetor, o qual tem como função a restauração da confiança e o reestabelecimento da segurança, além de ser um escudo frente às ameaças. Ele responde por um “futuro em função da fidelidade a um passado com o qual se acha muito naturalmente identificado (GIRARDET, op. cit., 91)”. Em um contraponto ao herói protetor surge o segundo tipo, o líder. Esta segunda figura heroica traz consigo a subordinação. Quem segue ao líder acaba por desempenhar o papel de discípulo, sob uma aura de fascínio pela forte autoridade presente no herói como modelo. O deslumbramento reverbera suas palavras e seus gestos, certa timidez contida é libertada no culto ao líder. Sacrifícios são realizados em busca da amizade ou complacência do herói.

3.1.3 A Era de Ouro

O mito da era de ouro nasce da lembrança de um passado nunca diretamente conhecido. A evocação de um modelo poderoso é realizada em meio às lacunas e um certo fervor deixado por uma época que já passou. A era de ouro – absoluta e plena – se opõe ao presente – triste e decadente. Um tempo privilegiado na memória e sua fixação ao sagrado fazem com que esse mito seja “(...) ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e mensagem mobilizadora (GIRARDET, 1987, p. 98)”.

A moda com sua periodicidade e o retorno de tendências é um exemplo de como os indivíduos enobrecem um passado mitificado. Com intervalos regulares, o que uma onda da moda levou, outra tende a restaurar. O mesmo acontece em variados aspectos culturais, como na música e no cinema, com artistas e grupos que voltam aos holofotes após um hiato ou franquias famosas que ganham readaptações, respectivamente. Na política, o mito da era de ouro permite que tendências outrora dadas como ultrapassadas e resolvidas voltem a assombrar às sociedades, como se vê hoje com a popularidade de grupos neonazistas, com o fascismo tomando novas formas e com o avanço de políticas e políticos reacionários. O mito da era de ouro pode alcançar um patamar além da periodização do tempo histórico, segundo Girardet (1987),

quando a Idade de Ouro se confunde com um tempo não-datado. Um tempo de inocência e de felicidade evocado em momentos de crise:

Surpreendente poder de reversibilidade do mito, participando ao mesmo tempo do retrospectivo e do prospectivo, no plano da lembrança, do pesar e no da espera messiânica. [...] Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há, por outro lado, o “tempo de antes” e que é o de uma grandeza, de uma nobreza ou de uma certa felicidade que nos cabe redescobrir (p. 104-105).

A imagem impressa na tela do passado se apresenta mais iluminada e bela. Ela tende a cristalizar-se sobre dois valores essenciais: “(...) valor de inocência, de pureza, por um lado; valor de amizade, de solidariedade, de comunhão, por outro (GIRARDET, 1987, p. 106)”. O mito da era de ouro se firma sobre esta dupla nostalgia. Uma comunidade unida e fechada, na proteção contra as ameaças, edifica a mitologia da idade de ouro. Um tempo solidificado e cristalizado, em que a comunhão e a harmonia se fazem presentes, contra mudanças sociais e econômicas do presente. De acordo com Girardet (1987), o mito da idade de ouro se manifesta em ciclos de latência. Sua evidência fica mais intensa nos momentos de mudança, quando os equilíbrios antigos que sustentam a sociedade são questionados. O mito da idade de ouro funciona como uma fuga ao mal-estar e angústia do presente. É o aparato de negação às formas de vida social contemporâneas. Esta mitologia de uma época ideal e de moral exemplar “(...) vai ao encontro aqui – mas é para nele diluir-se e perder-se – desse tema imenso, multiforme, sempre renascente, inscrito sem dúvida no mais profundo da história religiosa da humanidade, que é o do Grande Retorno (GIRARDET, op. cit., p. 137)”.

3.1.4 A Unidade

O mito da unidade estabelece suas estruturas em um esforço para estabelecer uma vontade convergente entre os indivíduos. Em seu devir está a união de uma sociedade homogênea, a partir da união dos sujeitos que se abnegam de seus interesses pessoais. Sob efusões coletivas, reside uma densa rede de representações oníricas, formada por imagens e por símbolos. O mito da unidade ganha força por meio do imbricamento da moral, da religião e da política, na busca de uma sociedade unida em harmonia e equilíbrio. A coesão e a convergência são vistas como sentimentos

benéficos, enquanto a dispersão e a dissociação são vistas como forças maléficas. O sujeito que vive este mito deixa suas aspirações individuais de lado em prol da unidade.

Os mitos políticos afirmam-se com mais intensidade em períodos de crise, desta forma seu poder de atração é exercido com mais pujança. O impulso motriz está no interior de grupos oprimidos ou na consciência coletiva daqueles que não se identificam com a ordem estabelecida, a qual lhes parece estranha e hostil. Por não se reconhecer enquanto grupo às normas existentes, um grupo se reconhece diferente e singular. Girardet (1987) explica que um mito político surge quando um “traumatismo social se transforma em traumatismo psíquico” (p. 181-182). A primeira função mítica é a de reestruturação mental. O mito da Conspiração responde questões dos enigmas da história contemporânea. O Herói Salvador, de caráter messiânico, aparece para libertar um povo de seus algozes. O mito nostálgico da Idade do Ouro sonha com uma comunidade fraterna e regida por laços de solidariedade. Por fim, o mito da Unidade unifica a carga mítica de todos os outros mitos, em uma comunhão fraterna em prol do bem comum – a sociedade, a família, o país etc.

O mito é uma narrativa de caráter explicativo, com enorme potência de mobilizar e de construir a realidade social. Por meio dele uma sociedade anseia pela reconquista de uma identidade corrompida. De acordo com Girardet (1987) há uma relação de dependência entre as situações históricas e as perturbações da psique humana. A passagem do histórico ao mítico reside na transmutação do real e em sua absorção do imaginário.

3.2 Imaginário social: a morada dos mitos

Baczko (1985) aponta três frentes de investigação do imaginário social, de acordo com três autores: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Marx interpreta os imaginários sociais a partir das ideologias, as quais englobam “as representações que uma classe social dá de si própria, das suas relações com as classes suas antagonistas e da estrutura global da sociedade (p.9)”. As diversas classes sociais exprimem suas aspirações por meio das representações ideológicas. A classe dominante tem suas representações ideológicas vinculadas às instituições dominantes, como o Estado, a igreja e o sistema capitalista. Ao mesmo tempo que uma ideologia traduz os interesses de uma classe, ela oculta as relações reais entre as classes, ou seja, “as

relações de produção, que constituem, precisamente, o objecto da luta de classes (p. 9)”. A classe dominada por se opor com a produção de uma ideologia própria, no caminho da tomada de sua consciência.

O advento da classe operária assinala uma ruptura na história das ideologias. A tomada de consciência, por parte da classe operária, implica não só um combate contra a força da ideologia burguesa, mas também, e sobretudo, a desmontagem de todo e qualquer dispositivo ideológico, bem como dos seus modos de produção e funcionamento (BACZKO, 1985, p. 9).

De acordo Baczko (1985), Marx diz que um grupo social fabrica imagens que engrandecem seu papel histórico na busca de definir-se. Entretanto, o proletariado se constitui em uma classe transparente. A imagem criada pelo proletário é uma não-imagem que se apresenta como “simples verificação de um estado de coisas (p. 10)”. Para Durkheim o imaginário social tem as suas bases na coletividade, em uma consciência coletiva. O estado de um grupo social, a sua estrutura, as maneiras de reação frente aos acontecimentos e aos perigos são características expressas por representações coletivas. Um exemplo é o fato religioso e os deuses que os homens criam, os quais “dão corpo a consciência de pertencerem a um todo comunitário, enquanto as representações colectivas reconstituem e perpetuam as crenças necessárias ao consenso social (p. 11-12)”.

O imaginário coletivo para Max Weber reside na busca de um sentido pelos agentes sociais. Os símbolos formam um código coletivo, o qual proporciona a comunicação entre os homens, a formação de uma identidade coletiva e a manutenção das relações com as instituições políticas. Baczko (1985) cita os três tipos de dominação política propostos por Weber: a tradicional, a carismática e a burocrática. As três formas de dominação são exercidas por meio de representações coletivas que legitimam tais poderes.

Os estudos inspirados em Marx, Durkheim e Weber apontam diferentes caminhos para a compreensão dos imaginários sociais, onde os mitos residem. De acordo com Baczko (1985), os mitos indicam as respostas de uma sociedade aos desequilíbrios e tensões em suas estruturas. Cada época apresenta maneiras diferentes de criação, de reprodução e de renovação do imaginário. O imaginário social oportuniza a criação de uma identidade coletiva, ao estabelecer representações, papéis e posições sociais. Crenças e códigos sociais, como os de

comportamento, também são designados pelo imaginário. O reforço de uma identidade implica no reforço da identidade daqueles considerados “inimigos” e “rivals”.

A regulação da vida social e o controle da vida coletiva são autenticados pelo imaginário social. Dessa forma, o poder, como o de um governo por exemplo, precisa ser legitimado para que seu exercício de dominação tenha eficácia. Força e poder estão aliados às relações de sentido dentro de um universo simbólico. Em consequência disso, surgem os conflitos com aqueles que refletem além do imaginário social perpetrado pelas camadas dominantes. Baczko (1985) afirma que imaginários concorrentes e antagonistas têm suas produções intensificadas em época de crise. O imaginário também é utilizado como forma de autodefesa quando um grupo se sente agredido por algo que venha do exterior a ele. De acordo com Joseph Campbell (2016), uma pessoa passa a ganhar a possibilidade de se tornar um mito quando ela passa a ser um modelo para a vida dos outros.

Os indivíduos e os grupos sociais têm seus imaginários alimentados pelos imaginários sociais carregados de orientações sobre maneiras de se expressar, de se relacionar e de estereótipos. Por meio dos símbolos, o imaginário social assegura formas de interpretação, valores e normas a serem seguidas. O controle do imaginário social garante a obediência e a influência sobre as atividades individuais e coletivas. Os grupos sociais sob essa influência são levados às escolhas que a princípio parecem ser as únicas possíveis e impostas pelo destino. O imaginário coletivo faz com que as representações de algo sejam superestimadas em detrimento dos acontecimentos tal como são. “Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projecção das angústias, esperanças e sonhos colectivos sobre o futuro (BACZKO, 1985, p. 17)”.

O imaginário social também opera na oposição das estruturas afetivas que regem a vida coletiva. As dimensões intelectuais da vida coletiva citadas por Baczko (1985) para exemplificar esta rede de oposições são: “legitimar/invalidar; justificar/acusar; tranquilizar/perturbar; mobilizar/desencorajar; incluir/excluir (relativamente ao grupo em causa), etc. (p. 17)”. É um esquema abstrato de oposições que se articulam entre elas, formando uma rede complexa. Essa rede de oposições pode ser verificada com a polarização política que o Brasil enfrenta desde o acirramento da crise política e econômica. Um imaginário social e político polarizado apresenta as condições para que os mitos políticos sejam reatualizados. Os memes da internet

representam um instrumento precioso neste processo, com a função de transmitir as mensagens mitológicas. Os mitos fazem parte do imaginário social, dos sistemas de símbolos e dos esquemas de oposição. Os mitos políticos têm lugar de destaque na constituição dos discursos que formam os imaginários sociais. Neste trabalho é possível identificar o meme da internet como um instrumento que assegura a difusão do imaginário e garante a dominação simbólica. A inculcação de valores e crenças, sob a pressão de argumentos reacionários, colocam os memes da internet em evidência na formação da imaginação social da história contemporânea brasileira.

Baczko (1985) aponta elementos fundamentais para a construção dos imaginários sociais durante as insurreições francesas de 1789, os quais podem ser compreendidos sob o contexto dos memes da internet brasileira. Identificar o inimigo no plano simbólico e cristalizar os temores são condições necessárias para a legitimação da violência popular. Boatos são propagados – os quais hoje são correlatos às *fake News* atuais – com a finalidade de evidenciar a cisão entre grupos: “nós” e “eles”.

Os mitos em constante articulação impulsionam o sentimento de revolta e normalizam a violência, com o intuito de justiça popular. O pânico coletivo é instaurado, amparado pela sensação de medo. Da mesma maneira, que segundo Baczko (1985), os boatos e os medos eram impelidos via panfletos durante as insurreições de 1789 na França, atualmente este medo é impelido pelos memes que servem como um trampolim simbólico, ao expressar as crises, os ódios e as esperanças. O ódio sobre um inimigo comum proporciona a sensação de unidade, em negação ao regime ou conjuntura que se deseja atacar. Os mitos sancionam o imaginário, inclusive na fabricação de carisma, a base dos grandes chefes. O próximo capítulo verifica as maneiras com que o memes de discussão pública carregam a mensagem mitológica do comunismo ancorada em outros mitos e reatualizada de acordo com o contexto histórico atual.

4 A REATUALIZAÇÃO DO REACIONARISMO

Todos os memes deste trabalho foram coletados e identificados de acordo com seu teor mitológico, como explicado na introdução. A página *O Retrógrado* foi escolhida por ser representativa pela grande produção de memes reacionários. A partir dos 2.605 arquivos iniciais, identificou-se 61 imagens com referências diretas e indiretas ao comunismo ou ao símbolo do Partido Comunista – foice e martelo. De 61, 57 imagens foram verificadas como memes da internet, os quais foram divididos em três categorias: (1) Memes persuasivos; (2) Memes de ação popular; (3) Memes de discussão pública, como detalhado na tabela abaixo.

Tabela 3 – Gêneros dos memes políticos

Gênero do meme	Quantidade
Memes persuasivos	20
Memes de ação popular	3
Memes de discussão pública	34

Fonte: Autoria própria

A análise de conteúdo (HSIEH & SHANNON, 2005) dos memes de discussão pública leva em consideração características dos memes como memes da internet (SHIFMAN, 2014), a taxonomia que categoriza os memes políticos em memes persuasivos, memes de ação popular e memes de discussão pública (CHAGAS et. al., 2017), a interferência da cultura popular na política (JENKINS, 2015), o humor nos memes do Facebook (TAECHARUNGROJ & NUEANGJAMNONG, 2015), o histórico da direita brasileira (KAYSEL, 2015), a direita brasileira online (SILVEIRA, 2015), o comunismo no Brasil (SCHWARCZ, 2015), a mitologia política (GIRARDET, 1987), entre outras nuances apresentadas na fundamentação teórica desta pesquisa.

O foco desta análise está sobre os memes políticos da internet identificados como memes de discussão pública, 34 de acordo com a tabela acima. Memes persuasivos, memes de ação popular e memes de discussão pública foram utilizados para ilustrar trechos pertinentes da fundamentação teórica, sendo 03 persuasivos, 01 de ação popular e 15 de discussão pública. A fim de otimizar a análise de conteúdo, os 34 memes políticos de discussão pública sobre o comunismo foram divididos de acordo com os sete tipos de humor de Taecharungroj e Nueangjamnong

(2015), já que o humor e a piada são características pertinentes aos memes de discussão pública. A análise a seguir dos memes de discussão pública leva em consideração os memes não utilizados durante os outros capítulos deste trabalho, ou seja, 19 memes restantes dos já utilizados.

Tabela 4 – Tipos de humor

Tipo de humor	Quantidade
Humor de comparação	11
Humor de personificação	1
Humor de exagero	3
Humor de trocadilho	4
Humor sarcástico	5
Humor nonsense	4
Humor surpresa	6

Fonte: Autoria própria

4.1 Humor de comparação

Os memes com características do humor de comparação combinam dois elementos diferentes, a fim de produzir uma situação engraçada. Os memes (Figura 18) colocam o post de uma imagem em um site de rede social da Deputada Federal Jandira Feghali, do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), em oposição às frases ditas por personagens históricos comunistas. A frase vista na imagem postada pela deputada “AMAR EM TEMPOS DE ÓDIO É UM ATO REVOLUCIONÁRIO” é oposta às seguintes frases: “Precisamos odiar. O ódio é a base do comunismo. As crianças devem ser ensinadas a odiar seus pais se eles não são comunistas”; “Comunismo não é amor. É o martelo com que esmagamos nossos inimigos.”; “A principal missão dos outros povos (exceto os alemães (sic), os húngaros e os poloneses) é perecer no holocausto revolucionário... Esse lixo étnico continuará sendo até seu completo extermínio ou desnacionalização, o mais fanático portador da contrarrevolução”. As três frases que fazem oposição ao post da deputada são creditadas, respectivamente, a “Comuna, Lenin”, “Mao Tsé-tung” e Karl Marx.

Figura 18 – O comunismo e a agressividade



Fonte: Página O Retrôgrado

Os memes (Figura 18) estão no formato Stock Character Macros – por apresentar o texto sobre a imagem. Se enquadram entre os memes de discussão pública, pois o humor de comparação utiliza-se de estereótipos e do senso comum à cultura popular quando se trata do comunismo. A analogia feita de forma simplista não leva em consideração os contextos históricos, tampouco as vertentes que comunismo ganhou ao longo do tempo. Os memes fortalecem o imaginário sobre a violência dos comunistas que se perpetua até os dias de hoje. A aura de medo e ameaça ao bem-estar social imputada aos comunistas revigora o mito político do comunismo no Brasil sob o viés da conspiração. Entende-se que o emissor utiliza o post da deputada em oposição às frases de personagens comunistas para desqualificar o discurso da mesma. Uma das interpretações possíveis é que a deputada, como membro do PCdoB, utiliza o discurso do amor apenas para esconder suas verdadeiras convicções comunistas respaldadas pelo ódio e pela violência.

O humor de comparação do meme (Figura 19) se estrutura a partir da manchete: “Wagner Moura diz que empresas estão boicotando seu filme sobre Marighella” em oposição à declaração de Carlos Mariguella: “É necessário que todo guerrilheiro tenha em mente que somente poderá sobreviver se está disposto a matar policiais e todos aqueles dedicados à repressão, e se está verdadeiramente dedicado a expropriar a riqueza dos grandes capitalistas, dos latifundiários, e dos imperialistas”. O meme também traz à esquerda um personagem confuso que explicita seu sentimento com a expressão “ué?”. O personagem veste uma boina com uma estrela vermelha –

referência a Che Guevara –, uma camiseta estampada com a sombra da cabeça do Mickey Mouse, personagem da The Walt Disney Company, e com fones no ouvido conectados a um aparelho de telefone celular.

Figura 19 – O comunismo e a agressividade



Fonte: Página *O Retrôgrado*

O trecho citado de Mariguella é retirado do *Mini-Manual do Guerrilheiro Urbano*, livro publicado em 1969. O boicote de empresas ao filme de Wagner Moura é visto de maneira cômica e natural pelo emissor do meme, já que Mariguella pregava em seu livro a expropriação da riqueza dos grandes capitalistas e dos imperialistas. O personagem que aparece confuso à esquerda remete ao senso comum que opõe a filosofia comunista de expropriação capitalista ao uso de bens materiais da cultura capitalista, popularmente chamado de “socialista de iPhone”. O meme contribui para a formação do imaginário envolta do comunismo no Brasil, associado à violência, armas e expropriação, motivos que tornam os comunistas perigosos e capazes de armarem uma conspiração contra o país.

Figura 20 - Comunismo e a fome



Fonte: Página *O Retrôgrado*

A Figura 20 traz a imagem de uma mulher com as mãos em um bolo, confeitado com o símbolo do comunismo, com o termo “BRASIL” sobre ela. A comparação se dá com a imagem de uma outra mulher, aparentemente desnutrida e com os seios à mostra, com o termo “COREIA DO NORTE” sobre ela. Abaixo das duas imagens segue o texto verbal “COMUNISTA FELIZ É COMUNISTA QUE NÃO MORA EM PAÍS COMUNISTA.” Não foi possível encontrar com precisão a fonte da imagem à esquerda, tampouco da imagem à direita. Porém, uma pesquisa na ferramenta Google Imagens sobre a imagem à direita mostrou páginas sobre campos de concentração na Coreia do Norte, campos de refugiados e reportagens sobre desnutrição na Coreia do Norte.

A Figura 21 mostra dois memes que replicam a mesma forma – Stock Character Macros – e o mesmo conteúdo: um texto verbal sobre imagens que tratam sobre o tema da fome. A imagem à direita traz o texto ““amarelo com vermelho é uma combinação de cores que desperta a fome””, seguido de “verdade”. A imagem à esquerda traz o texto “AQUELE TOM DE VERMELHO QUE TE DEIXA MORRENDO DE FOME”.

Figura 21 - Comunismo e a fome



Fonte: Página O Retrôgrado

O meme à direita mostra as logomarcas de três empresas do ramo alimentício que utilizam a cor vermelha em suas composições: Burger King, McDonald's e Pizza Hut. Entre as logomarcas está a bandeira do Partido Comunista (PC), composta pelo fundo vermelho sobreposto pelos símbolos do martelo e da foice amarelos e entrecruzados. O meme à esquerda traz três alimentos que possuem a cor vermelha: o morango, a gelatina e a maçã. Entre os alimentos repete-se a figura da bandeira do PC.

Os memes (Figura 20 e Figura 21) remetem a eventos históricos da ex-URSS e da China, os quais tiveram a fome no centro de crises. Segundo Robério Paulino Rodrigues (2006), durante a Guerra Civil da Rússia (1918-1921) – período em que o Partido Comunista já estava à frente do país após a revolução de 1917 – a fome se alastrou pelo país. A política de requisições dos excedentes dos camponeses em que estes deveriam entregar o excedente ao Estado e reduzir a quantidade para consumo próprio fez com que muitos escondessem os estoques para vender no mercado negro.

Na década de 1930, no período da autocracia stalinista, os camponeses se rebelaram contra a coletivização forçada. A destruição de cereais, equipamentos e fuzilamento dos que discordavam do governo geraram uma nova crise que foi acompanhada de um período de fome generalizada entre os camponeses (RODRIGUES, 2006). A China, comandada por Mao Tsé-Tung, também enfrentou um período de grande fome entre 1959 e 1961. As inundações, a coletivização forçada da agricultura, as metas irrealistas de produção industrial e a ênfase na indústria pesada impactaram de

forma negativa a produção agrícola. A falta de bens de consumo básico, como os alimentos foi uma consequência desta conjuntura (MORAIS, 2011).

A fome de uma população como indica os memes (Figura 20 e Figura 21) não é uma característica do comunismo. No caso da ex-URSS – hoje, representada pela Rússia – e da China, os desastres em relação à alimentação da população são relacionados principalmente à política com foco nas indústrias pesadas e à repressão dos camponeses. Conforme Netto (1987), tais aspectos nada têm a ver com o comunismo proposto por Marx e Engels. Fazem parte da história de países que almejaram o comunismo, mas seguiram um caminho obscuro ainda na fase do socialismo – momento de transição entre o capitalismo e o comunismo. O mesmo poderia ser dito sobre Coreia do Norte²², entretanto, de acordo com as restrições do país não é possível encontrar dados apurados sobre a fome no país.

Figura 22 - Comunismo contra o conservadorismo



Fonte: *O Retrôgrado*

O humor de comparação no meme da Figura 22 é uma replicação do meme *Drakeposting*²³, referente às imagens de reação do cantor canadense de hip-hop Drake, no videoclipe da música *Hotline Bling*. A imagem superior expressa desdém e a inferior aprovação. O desdém refere-se a Karl Marx, Che Guevara, Pablo Capilé –

²² Em julho de 2017, a Organização das Nações Unidas (ONU) fez um alerta internacional sobre a escassez de alimentos na Coreia do Norte em decorrência da falta de chuvas. Pouca ajuda humanitária chega ao país como resultado das sanções impostas como forma de retaliação ao programa armamentista coreano. Disponível em: http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2017/09/28/interna_mundo,724495/a-fome-e-jogada-para-debaixo-do-tapete-na-coreia-do-norte.shtml. Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

²³ *Drakeposting*. Disponível em: <http://knowyourmeme.com/memes/drakeposting>. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

ativista e produtor cultural, criador do circuito Fora do Eixo e articulador da Mídia Ninja – com Lula e ao símbolo do Partido Comunista, nomes ligados à política progressista. A aprovação refere-se a Ronald Reagan, Olavo de Carvalho, Winston Churchill e Roger Scruton, nomes ligados à política conservadora. Neste caso, a mensagem mitológica do comunismo é transmitida em colaboração com o mito do herói, o Herói Salvador (GIRARDET, 1987) no caso de líderes políticos. Fica evidente também o caráter ambivalente dos mitos, já que a personalidade política tida como herói para um grupo de pessoas, não terá a mesma receptividade em relação a um outro grupo com posicionamentos diferentes.

O meme traz a interferência direta da cultura popular para a política, na tentativa de invalidar os nomes ligados às políticas progressistas. O ex-presidente Lula incluído ao lado de símbolos do comunismo ratifica a que o mito do comunismo ganhou força quando as ações do governo do PT passaram a ser entendidas sob a lógica comunista. Compreende-se os conteúdos dos memes (Figuras 18 a 22) como pertencentes ao estilo de humor agressivo, pois de acordo com Taecharungroj e Nueangjamnong (2015) é possível verificar que a intenção do emissor não é apenas a diversão de forma positiva. Depreende-se destes memes um caráter alienante, típico do humor agressivo.

4.2 Humor de personificação

Entre os 34 memes políticos de discussão pública sobre o comunismo, apenas um traz o humor de personificação²⁴, como mostra a Figura 23. O meme no formato Stock Character Macros – texto sobre uma imagem – traz o texto verbal “REUNIÃO DOS COMUNAS” sobre a imagem de um grupo de ratos em círculo. Ao reproduzir um estereótipo histórico perpetuado pelos opositores dos ideais comunistas, entende-se que o emissor do meme buscou comparar os comunistas com os ratos, os quais são personificados com o apoio do texto verbal sobre a imagem. Organizar e realizar uma reunião são características humanas que neste meme são postas sobre um grupo organizado de animais.

²⁴ Este meme já foi utilizado como exemplo na página 20. Como se trata do único exemplo do humor de personificação entre os memes coletados, optou-se por repeti-lo.

Figura 23 - O comunismo e a ameaça



Fonte: Página *O Retrôgrado*

Este meme propaga a concepção do Mito da Conspiração (GIRARDET, 1987). A noção de uma reunião realizada pelos ratos – comunistas – pode ser relacionada com a organização de pessoas que possuem hábitos degradantes e que vivem próximas da sujeira, simbolizando uma ameaça de contaminação. A associação dos comunistas com ratos reflete o caráter clandestino que os comunistas e o Partido Comunistas enfrentaram ao longo da história do Brasil, como demonstrado no capítulo 2. O Mito da Conspiração é atrelado ao mito do comunismo brasileiro, já que a mitologia que cerca os comunistas – fomentada pelos governos e pela mídia hegemônica – os retratam como ameaças contra as quais é preciso lutar. O mito da Unidade apoia a mensagem mitológica da conspiração presente no meme da Figura 23, pois a coesão de uma sociedade em harmonia seria fundamental no combate aos que se dissociam dela.

Figura 24 – Os comunistas e os ratos



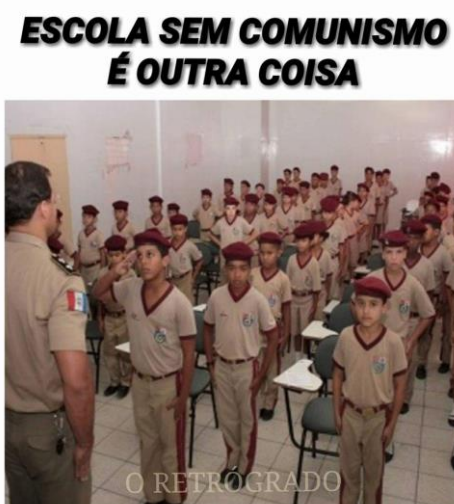
Fontes: Disponível em: <http://bit.ly/2num9ZO>, <http://bit.ly/2nzojXp> e <http://bit.ly/2DVy4KE>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

A analogia entre comunistas e animais é vista desde os tempos da 2ª Guerra Mundial, da Guerra Fria, até os dias atuais. Como mostra a Figura 24²⁵, o humor de personificação, a ironia, o estilo de humor agressivo e a qualificação dos petistas como “ratos comunistas” são elementos que permeiam o imaginário do mito do comunismo no Brasil, sobretudo após o governo do PT ser entendido sob a lógica comunista como apresentado no capítulo 2.

4.3 Humor de exagero

A Figura 25 traz um meme que redimensiona o conteúdo emitido para além da realidade. O exagero está presente, por meio do formato Stock Character Macros, no âmbito da educação escolar. A analogia é feita com o texto verbal “ESCOLA SEM COMUNISMO É OUTRA COISA” sobre a imagem de uma sala de aula composta apenas por meninos uniformizados ao estilo militar. O professor, também militar, está em posição de sentido, enquanto a criança à sua frente bate continência.

Figura 25 – O comunismo e a educação



Fonte: Página *O Retrôgrado*

Com as ações do PT vistas sob a ótica do comunismo, o trabalho do partido na educação passou a compor o imaginário de uma conspiração, na qual os estudantes estariam sendo doutrinados em sala de aula. A suposta doutrinação sobre variados aspectos do universo social, mas também em prol do comunismo, levou ao

²⁵ As imagens que compõem a Figura 24 não fazem parte dos objetos centrais dessa pesquisa – retirados da página O Retrôgrado -, mas foram incluídas para que as características do meme de discussão pública com o humor de personificação ficassem mais evidentes.

nascimento de um projeto de lei chamado Escola Sem Partido²⁶. Com a implantação de políticas afirmativas – como a Lei das Cotas²⁷ – entende-se que algumas pessoas passaram a compreender estas ações inclusivas como ações comunistas. Segmentos da sociedade que apoiam o Escola Sem Partido acreditam que as instituições de ensino – abrangendo as instâncias do ensino infantil até o ensino superior – seriam mais ordeiras e eficientes sem a influência do comunismo que visa doutrinar os estudantes a favor do PT. As imagens da figura 26 não fazem parte dos objetos analisados nesta pesquisa, mas contribuem para a assimilação do exagero nos memes analisados e da mensagem mitológica de uma conspiração.

Neste caso, fica evidente o poder da recusa (Capítulo 2) ligado ao pensamento da direita política representado pelos posicionamentos anti-partidário e anti-cotas sobre a educação. Intui-se que ao adotar tais posicionamentos sobre um assunto de interesse público, como a educação, a direita reforça as desigualdades tidas por ela como naturais e inevitáveis, com o objetivo de manter o status quo econômico e social, resquícios do período colonial. A histórica e estreita ligação da direita com os militares permite que o meme (Figura 25) reatualize o mito do comunismo em parte dos receptores deste meme em consonância com o mito da Era de Ouro. Entende-se que os indivíduos os quais concorram com o conteúdo deste meme associam os valores de uma época de inocência, de disciplina, de pureza e de comunhão ao período da ditadura civil-militar.

²⁶ O Escola Sem Partido é um projeto que visa “neutralizar a educação” e combater a “doutrinação ideológica”. Disponível em: <http://prosativre.com/mascara-da-masculinidade/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

²⁷ Em 3 anos, 150 mil negros ingressaram em universidades por meio de cotas. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2016/03-marco/em-3-anos-150-mil-negros-ingressaram-em-universidades-por-meio-de-cotas>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

Figura 26 - Suposta doutrinação nas escolas²⁸

Disponível em <http://bit.ly/2DW8llh> e <http://bit.ly/2rVuquu>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

O exagero também está presente nas generalizações como mostra a Figura 27. O texto verbal “É IGNORÂNCIA, SIM. VOCÊ QUERER O ‘FORA DILMA’, MAS ACHAR QUE HILLARY SERIA DIFERENTE AOS AMERICANOS.” aparece sobre uma imagem de uma pessoa segurando uma bandeira com símbolo do Partido Comunista. Sob a imagem, o texto verbal “OLHA A BANDEIRA NO PROTESTO CONTRA O TRUMP. É TUDO ESQUERDA, SEU IDIOTA!” completa o meme no formato Stock Character Macros.

Figura 27 - Hillary Clinton comunista



Fonte: Página *O Retrôgrado*

A imagem foi retirada de um protesto que reuniu estudantes universitários, comunistas, imigrantes ilegais e grupos LGBTQ contra o anúncio de Donald Trump como o 45º presidente dos EUA, em novembro de 2016. A partir da

²⁸ Além dos personagens ícones do comunismo e do símbolo do Partido Comunista, no quadro negro da imagem à direita é possível ler: FEMINISMO. BRANCOS = TIRANOS. DIVERSIDADE... SER GAY É NORMAL. FUNK É CULTURA. PM ASSASSINA. FASCISTAS MALVADOS. NACIONALISMO É FEIO.

Figura 28 é possível identificar o exagero no meme da Figura 27. O protesto contra a eleição de Donald Trump foi compreendido pelo emissor do meme (Figura 27) como um protesto em prol de Hillary Clinton – 2ª colocada nas eleições que deram à presidência a Trump. É possível aferir a intenção de manipulação, já que o protesto era plural, com várias bandeiras à frente, mas somente o frame com a bandeira que representa o comunismo foi utilizado na composição.

Figura 28 - Protesto contra Trump, em Austin (Texas)



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k4ByVvhdTzE>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

O meme (Figura 27) pretende, por meio do imaginário coletivo, invocar o mito do comunismo para invalidar o protesto contra a eleição de Donald Trump. Mesmo em um contexto alternado (EUA), o emissor do meme utiliza-se do anticomunismo relacionado ao PT, representado por Dilma Rousseff, em busca de compreender e explicar o presente. Como apresentado por Girardet (1987), os mitos políticos são reatualizados em conexão com dados factuais. Os memes (Figuras 25 e 27) replicam o estilo agressivo, com respaldo na ofensa e na alienação. O mito da Unidade respalda a mensagem da Figura 27 ao ressaltar a incoerência de ser contra a ex-presidente Dilma Rousseff, mas a favor da candidata à presidência dos EUA Hillary Clinton. Portanto, fica evidente a característica do mito político da Unidade em que o sujeito em prol da unidade deixa suas aspirações individuais de lado.

4.4 Humor de trocadilho

O humor de trocadilho utiliza elementos da linguagem para criar novos significados, muitas vezes incomuns. É o caso da Figura 29 que traz uma foto de Fidel Alejandro Castro Ruz com e Ernesto Guevara de la Serna – Fidel Castro e Che Guevara – sob o texto verbal “Che Guevara e Fidel juntos novamente, mas agora com o capeta, já podem implantar o COMUNISMO no inferno!”. Dada a circunstância da morte de Fidel Castro, o meme satiriza o fato ao estilo agressivo.

Figura 29 – Che Guevara e Fidel Castro



Fonte: Página *O Retrôgrado*

O meme no formato Stock Character Macros utiliza o trocadilho com a linguagem em busca do efeito do humor, efeito esse que provavelmente atinge aqueles que concordam com os conteúdos emitidos pela página *O Retrôgrado*. Dessa maneira cria-se um espírito de combate. O imaginário social daqueles que veem os comunistas como inimigos que merecem ser eliminados é alimentado por essa espécie de meme. O espírito de combate propagado por este meme apoia-se no medo (BAUMAN, 2008; 2014) cultivado pelo mito do comunismo. Os que acreditam em um complô comunista e na influência de Fidel Castro e Che Guevara ativam um mecanismo egoísta em que se exclui o outro para evitar a própria exclusão.

4.5 Humor Sarcástico

Figura 30 - O comunismo e a fome



Fonte: Página *O Retrógrado*

O meme da Figura 30 se enquadra no humor sarcástico e no formato Stock Character Macros. O meme traz o texto verbal “COMUNISMO É A DISTRIBUIÇÃO IGUALITÁRIA DA MISÉRIA” sobre a imagem de uma família aparentemente desnutrida, em frente da sua possível casa feita de pedras. A imagem retrata uma família durante o Holodomor (1932-1933)²⁹, popularmente chamado de “holocausto ucraniano”, causado pelas políticas do governo soviético. No episódio, Stalin bloqueou a entrada de alimentos na Ucrânia o que levou muitas pessoas a morrerem de fome.

O humor sarcástico é identificado pela união do texto verbal sobre uma imagem. Com a interpretação do contexto que a imagem retrata, é possível perceber o estilo agressivo de humor empregado. Dessa maneira, entende-se que o emissor ao querer propagar sua mensagem para atacar o comunismo também desrespeita e banaliza as vítimas do Holodomor. De acordo com o contexto atual do comunismo no Brasil, verifica-se a necessidade do emissor do meme em ratificar a associação do comunismo com a fome, com o que é degradante e com o que é sub-humano. Dessa forma, fomenta o mito político da possível conspiração comunista no Brasil, associada aos governos no PT como visto no capítulo 2.

²⁹ The Ukrainian Holodomor. Disponível em: <https://worldhistoryproject.org/1932/the-ukrainian-holodomor>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2018.

Figura 31 - O comunismo e a fome



Fonte: Página *O Retrôgrado*

O meme de humor sarcástico da Figura 31 também associa o comunismo com a fome. O meme traz o texto “O COMUNISMO DEU CERTO SIM! VOCÊS QUE NÃO AGUENTAM PASSAR FOME!”, e identifica o autor como Cau Marquex. No formato Stock Character Macros traz a assinatura da página *O Retrôgrado*.

Figura 32 - O comunismo e a pobreza



Fonte: Página *O Retrôgrado*

O meme (Figura 32) traz um texto verbal na parte superior da imagem e um texto verbal na parte inferior da mesma imagem. Na parte superior lê-se “NÃO HAVERÁ DESIGUALDADE”. Na parte inferior está escrito “SE TODOS FOREM POBRES”. Sob os textos observa-se um fundo vermelho, com a imagem de um homem apontando para sua própria cabeça no lado esquerdo e o símbolo do Partido Comunista – foice e martelo amarelos – no lado direito. O meme, que repete a forma Stock Character Macros com um remix³⁰.

³⁰ “Roll Safe” é o nome do meme original caracterizado por um homem apontando para a própria cabeça.

Segundo José Paulo Netto (1987), a proposta do comunismo é a igualdade total entre todas as pessoas de uma sociedade. Essa igualdade diz respeito às oportunidades sociais que uma pessoa possa ter para desenvolver sua personalidade. É diferente do reproduzido pelo senso comum em que o comunismo visa tornar todos os cidadãos iguais a nível de suas identidades e subjetividades. Essa ideia errônea culmina no meme (Figura 32) que propaga a ideia de que com o comunismo não vai haver desigualdade porque todos vão ser pobres.

O ideal ético comunista tem uma proposta humanista inserida dentro de uma nova comunidade humana. Com a supressão das classes sociais e com o proletariado dirigindo a democracia, a opressão e a exploração tornam-se inexistentes com o comunismo da maneira como foi elaborado por Marx e Engels. O significado de pobreza da forma como é utilizado nas sociedades capitalistas, principalmente para se referir à posse de dinheiro ou bens de consumo, se esvazia com o comunismo. Portanto, o meme (Figura 32) é construído com base em falácias e senso comum sobre o projeto comunista, o qual não chegou a ser implantado de forma fidedigna em nenhum país.

4.6 Humor nonsense

Figura 33 - Os comunistas e o capitalismo



Fonte: Página *O Retrôgrado*

É o ator Kayode Ewumi interpretando o personagem Reece Simpson (a.k.a. "Roll Safe") na websérie *Hood Documentary*. A imagem do ator é acompanhada de frases que apresentam decisões ruins ou falhas no pensamento crítico. Fonte: <<http://knowyourmeme.com/memes/roll-safe>>. Acesso em 29 de maio de 2017.

O meme (Figura 33) no formato Stock Character Macros traz o texto “COMUNISTAS ADORAM DESFRUTAR DO CAPITALISMO” sobre a imagem de um casal na fila do McDonald’s, um dos símbolos do capitalismo e da indústria dos *fast-food*. O humor é criado sobre uma situação absurda: a Deputada Federal Maria do Rosário (PT), a qual segundo o emissor do meme é comunista, comprando um produto símbolo do consumismo capitalista. Apesar de ter começado sua carreira política pelo PCdoB, a deputada é atualmente filiada ao PT, partido que teve suas ações julgadas por muitos como ações comunistas. Entretanto, a política desenvolvida pelos governos do PT procurou atender também à demanda do mercado financeiro, ou seja, capitalista. O ajuste fiscal e a nomeação de Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda são exemplos. O meme reforça o imaginário sobre as privações pessoais que o comunismo traz, reforçando o mito político sobre o mesmo.

Figura 34 - Comunista que apoia comunista



Fonte: Página *O Retrôgrado*

O meme Figura 34 traz o texto “APOIADO POR COMUNISTA, COMUNISTA É”, ao lado do print de um post da revista Istoé sobre o apoio de Leonardo Boff ao Papa Francisco. A situação absurda neste caso está ao tratar o papa como comunista, já que a igreja católica como instituição é historicamente oposta ao comunismo e tem o papa como líder mundial da Igreja Católica Romana, além de ser Chefe de Estado do Vaticano.

O Papa Francisco muitas vezes tem suas falas e ações interpretadas como comunistas pela mesma lógica que compreende o governo do PT como comunista: políticas em prol dos direitos humanos e ações afirmativas passaram a ser interpretadas como práticas comunistas em oposição às práticas capitalistas – que

abrangem o individualismo e a meritocracia, por exemplo. A Figura 35 traz mais um exemplo. O Papa, ao lado de líderes como Nicolás Maduro, presidente da Venezuela, e Fidel Castro, ex-líder revolucionário cubano, o identifica como comunista.

Figura 35 – Papa comunista



Fonte: Página *O Retrôgrado*

O absurdo empregado neste meme está em retratar o papa como comunista apenas por imagens dele ao lado de líderes tidos como comunistas pelo senso comum. Apesar de não ter vindo ao Brasil e ter criticado o presidente Michel Temer em carta aberta³¹, o papa já se encontrou com líderes de variadas vertentes políticas como mostra a imagem da Figura 36.

Figura 36 - Papa com a Rainha Elizabeth II, com o presidente do Quênia Uhuru Kenyatta, com Melania Trump e o presidente dos EUA Donald Trump



Fonte: Disponível em <http://bit.ly/2EysPNV>, <https://glo.bo/2s3HRJ2> e <http://bit.ly/2GFozg4>. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

³¹ Em carta a Temer Papa Francisco recusa convite para vir ao Brasil. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/2017/04/18/em-carta-a-temer-papa-francisco-recusa-convite-para-vir-ao-brasil/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

4.7 Humor surpresa

Figura 37 - A teoria do comunismo é...



Fonte: Página *O Retrógrado*

O humor do tipo surpresa é produzido pelo efeito de uma situação inesperada. Do formato Stock Character Macros, o meme (Figura 37) traz o texto verbal “DEIXA EU LHES ENSINAR UMA COISA: O COMUNISMO É UMA TEORIA DE BOSTA!” sobre a imagem de uma sala de aula em preto e branco. O texto funciona como uma fala do professor para os estudantes. Ao chamar a atenção para si e dizer “DEIXA EU LHES ENSINAR UMA COISA”, o meme denota certa seriedade e atenção à fala do professor. Porém, o elemento surpresa chega com a continuação, incluindo até uma expressão inapropriada para um ambiente formal como a sala de aula demonstrada na imagem. O comunismo é generalizado, suas nuances e suas diferentes aplicações da teoria não são levadas em consideração. A analogia do comunismo com uma palavra que denota um excremento é utilizada pelo emissor para provocar o humor e demonstra todo o imaginário construído acerca do comunismo.

Figura 38 – Comunismo surpresa



Fonte: Página O Retrôgrado

A surpresa do meme à esquerda na figura 38 está na contraposição das imagens e dos textos verbais sobre elas. A imagem superior traz dois homens, um deles o Deputado Federal Jair Bolsonaro, em um bar. Eles estão sentados em jogo de cadeiras e mesa de plástico sobre a calçada. A imagem inferior traz três mulheres: Lily Marinho³² esposa de Roberto Marinho, ex-dono nas Organizações Globo –, a Deputada Federal Jandira Feghali e a ex-presidente Dilma Rousseff. A imagem superior é acompanhada do texto “A ELITE BURGUESA BRANCA CAPITALISTA”. Já a imagem inferior é acompanhada por “COMUNISTAS”. O meme no formato Stock Character Macros brinca com a inversão dos estereótipos, em que os homens brancos estão em um local simples, e duas mulheres de partidos de esquerda estão tomando Champanhe com a esposa do ex-dono do 17º maior conglomerado de mídia do mundo³³ – único representante da América Latina entre os 20 primeiros –, hoje, Grupo Globo. As características de um Herói Salvador são atribuídas ao deputado federal Jair Bolsonaro por seus simpatizantes. Intui-se que a utilização de sua imagem neste meme seja para reforçar o caráter do elemento surpresa, contribuindo para subverter a lógica do que é ser comunista para o senso comum. Assim, o deputado “mitou” – termo utilizado para denominar as ações de Bolsonaro por parte de seus fãs – sobre as “comunistas”.

O meme à direita na Figura 38 traz um remix entre uma tirinha e elementos característicos dos memes, como a *reaction photoshop* de Karl Marx e o

³² Viúva do ex-dono das Organizações Globo Roberto Marinho.

³³ Grupo Globo é o 17º maior conglomerado de mídia do mundo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/grupo-globo-o-17-maior-conglomerado-de-midia-do-mundo-16159426>. Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

texto verbal “O QUE FOI SEUS PUTOS?” que caracteriza o formato Stock Character Macros. A surpresa está na resposta à arguição do professor sobre o assunto da aula: o fracasso. Todos os estudantes olham para o fundo da sala onde encontra-se um personagem que representa Karl Marx, com o símbolo do Partido Comunista em sua vestimenta, que pergunta “O QUE FOI SEUS PUTOS?”. Dessa maneira o imaginário sobre o comunismo é reforçado, o relegando ao fracasso.

Os memes analisados neste capítulo comprovam que o mito do comunismo no Brasil construído no país ainda se mantém forte no imaginário social de parte da população, principalmente para os opositores do PT. O fracasso, a agressividade – todos os memes analisados no capítulo 4 trazem elementos do estilo de humor agressivo –, a fome, a incoerência são características carregadas pelos memes que reatualizam o mito político do comunismo no Brasil, o qual, pela maneira como é construído, é inerente ao mito da conspiração identificado por Girardet (1987). Ao longo do tempo, o comunismo sempre foi mantido à margem, fora das discussões centrais da política brasileira. Elementos imputados ao comunismo na Era Vargas e na ditadura civil-militar continuam vivos e em efervescência no imaginário social de parte da população, contudo, agora, sua manifestação se dá de maneira latente por meio dos memes da internet.

Os memes políticos de discussão pública da internet analisados nesta pesquisa funcionam como instrumentos que legitimam informações. Os memes exibem elementos que acabam por servir de válvula de escape e como uma forma de fuga a um suposto governo comunista, corroborando com a função explicativa dos mitos para o desconhecido ou ao que se teme. Os memes políticos de discussão pública da internet contribuem para a construção da possibilidade de uma conspiração comunista no Brasil, com base na falta de reflexão sobre o tema por parte de seus emissores. Em um momento político e econômico conturbado, o mito do comunismo ganha força ao ser endossado por memes que relegam o outro ao escárnio e excluem a possibilidade de diálogo com aqueles que defendem ideias progressistas – no caso, a esquerda “comunista”.

Treze memes políticos de discussão pública analisados trazem a bandeira do Partido Comunista ou a foice e o martelo para representar, por meio da metonímia – a parte pelo todo –, características da história de países que tentaram implantar o comunismo. Aspectos históricos de países como a ex-URSS, China, Coreia

do Norte e Cuba passam a representar aspectos do comunismo. Os emissores dos memes não levam em consideração que cada país possui suas particularidades e que estes não chegaram ao estágio final do comunismo. Estereótipos como o da fome, da agressividade e o da pobreza associados ao comunismo reforçam o medo de seus emissores em relação a um eventual governo comunista, sistema que reside no imaginário como total negação a qualquer tipo de realização democrática.

Uma crise de confiança permite que a banalidade do mal moderno ganhe força. Ao se pressupor que cada um pode se tornar um monstro de acordo com as suas necessidades, todas as pessoas se tornam recrutas em potencial do mal (BAUMAN, 2008). Desta maneira, o mito do comunismo no Brasil, ancorado ao mito de uma conspiração comunista é reatualizado por meio de conteúdos que se espalham pela internet na forma de notícias – nem sempre verdadeiras –, vídeos e memes como os analisados aqui. Os medos cultivados não são detidos, pois não importa se uma suspeita é verdadeira, a fuga se apresenta como a melhor opção. A internet e os sites de redes sociais dão espaços para que muitos grupos sociais historicamente oprimidos tenham voz e possam se expressar. Entretanto, este trabalho traz um contraponto ao mostrar que grupos reacionários e conservadores também utilizam a rede para propagar suas concepções de mundo (SILVEIRA, 2015).

É possível intuir sobre o imaginário dos grupos conservadores e anticomunistas, pois os memes analisados expõem os aspectos do mito político da conspiração (GIRARDET, 1987). Os comunistas são vistos como “O outro”, em uma inversão de si mesmos, que agem de maneira organizada e clandestina – aspectos endossados pela história. Os momentos de incerteza e de angústia social que significaram as jornadas de junho de 2013 e o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff trouxeram à tona o medo de um complô comunista para parte da população. As bases deste mito estão calcadas em um sentimento quase instintivo de reação a uma ameaça ou a uma possível ameaça, geralmente acerca de um grupo que deseja submeter a ordem das coisas a ele, no caso, os comunistas, a partir do momento em que o governo do PT passou a ser entendido sob a lógica do comunismo.

Cada época apresenta maneiras diferentes de criação, de reprodução e de renovação do imaginário. Atualmente, os memes nos sites de rede social oportunizam a criação de uma identidade coletiva, ao estabelecer representações, papéis e posições sociais. Os indivíduos e os grupos sociais têm seus imaginários alimentados

pelos imaginários sociais carregados de orientações sobre maneiras de se expressar, de se relacionar e de estereótipos. Por meio dos símbolos, o imaginário social assegura formas de interpretação, valores e normas a serem seguidas. O controle do imaginário social garante a obediência e a influência sobre as atividades individuais e coletivas. Os grupos sociais sob essa influência são levados às escolhas que a princípio parecem ser as únicas possíveis e impostas pelo destino. O imaginário coletivo faz com que as representações de algo sejam superestimadas em detrimento dos acontecimentos tal como são. “Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projecção das angústias, esperanças e sonhos colectivos sobre o futuro (BACZKO, 1985, p. 17)”.

Os memes analisados neste capítulo se proliferam graças à reprodução técnica (BENJAMIN, 2017), o que lhes garante um maior alcance. A internet estimulou a participação política de parte da população, com a apropriação de imagens e da edição delas como parte do processo. A partir da cibercultura, os modos de existir e perceber o mundo são transformados com a internet atrelada à reprodução técnica. Atualmente, em um momento de grande proliferação dos memes políticos na internet e de reatualizações de mitos políticos é plausível estabelecer relações com a reprodução técnica das imagens e a ascensão do fascismo no século XX, em busca de compreender os elementos em comum entre memes da internet e o mito político do comunismo no Brasil.

Todos os aspectos envolvendo a reprodução técnica das imagens, a cibercultura e os memes da internet são tratados aqui sob o viés dos mitos políticos, com foco no mito do comunismo no Brasil e no mito da Conspiração. Como mostra a fundamentação teórica desta pesquisa, existem pontos positivos e menos pessimistas em relação aos memes da internet. Entretanto, tais pontos podem ser explorados com mais afinco em uma continuação deste trabalho. Para a presente dissertação optou-se por elencar as características dos memes da internet de discussão pública que contribuem para a reatualização do mito do comunismo, apoiado no reacionarismo e no conservadorismo.

No século XX, a reprodução técnica das imagens culminou no aparecimento do fascismo a partir da manipulação das massas. Hoje, o fascismo possui os memes e a internet como instrumentos de propagação e de manifestação de suas ideias. A imagem final de um meme da internet muitas vezes se revela mais importante

que o processo de produção ou o conteúdo que ela representa. É a estetização da política (BENJAMIN, 2017). Seguindo o materialismo histórico de Benjamin, conforme Buck-Morss (2002), é possível considerar que com a internet e com os memes não houve progresso, mas sim uma atualização dos suportes responsáveis pela transmissão de ideias. Como visto nesta análise, o mito do comunismo, acoplado ao mito de uma conspiração, perdura até a presente data, porém utilizando-se de novos aparatos.

Os memes, frutos da popularização da internet, são os agentes na reatualização dos mitos políticos. Os memes já são estudados em várias áreas, como a linguística, a semiótica e a comunicação. Estudá-los em um contexto de crise política e econômica se faz necessário para que o universo mitológico replicado com os memes seja compreendido de maneira holística. Elementos como a imagem mais um texto verbal, o senso comum e os estereótipos fazem com que os memes políticos de discussão pública contribuam para que o mito político do comunismo seja fomentado e reatualizado.

Considerações finais

O presente trabalho buscou compreender as relações entre os memes da internet e os mitos políticos, especificamente, entre os memes de discussão pública e o mito político do comunismo, que mostrou-se ser vinculado ao mito da Conspiração. Da gênese dos memes à reatualização de mitos por meio deles, foi possível averiguar as maneiras com que os memes de discussão pública contribuem para a formação de todo um universo mítico-político atualizado no Brasil.

A cibercultura e o advento dos sites de rede social permitiram que o cidadão médio passasse a integrar a política como parte da cultura popular. Assim, amadores passaram a inserir seus pensamentos políticos nas redes e a questionar as instituições. Neste processo, o meme da internet aparece como uma nova mídia para transmitir mensagens. Como um dos desdobramentos da reprodução técnica das imagens, o meme da internet atualizou a forma para a propagação de conteúdos que sempre permearam o imaginário humano.

A cultura participativa motiva a participação dos cidadãos no processo político por meio dos memes de persuasão, dos memes de ação popular e dos memes de discussão pública. Os memes da internet, carregados de humor, proporcionam uma atividade lúdica e provocam o comprometimento entre os participantes, como entre os emissores e os receptores de um meme. Em decorrência da forte presença da cultura popular e do senso comum, os memes muitas vezes carregam estereótipos e piadas opressivas.

O poder de recusa da direita, aliado ao fascismo e à estetização da política, se apropriou das características dos memes da internet. Os memes de discussão pública analisados, por serem frequentemente identificados como piadas por um determinado grupo, colaboram para o fortalecimento de solidariedades preconceituosas e reacionárias, frutos do tribalismo contemporâneo que agrega pessoas com ideias semelhantes em comunidades virtuais. A página *O Retrógrado*, fonte dos memes coletados para esta pesquisa, expõe o radicalismo em analogias carregadas de senso comum e estereótipos.

O senso comum arraigado aos memes analisados naturalizam a dinâmica do capitalismo e sua relação com o anticomunismo, com os valores cristãos, com o tradicional e com os militares. A partir das manifestações de junho de 2013 e da eleição presidencial de 2014, instaurou-se no Brasil um ambiente de crise política que

culminou com impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. O capital financeiro, a mídia hegemônica e os movimentos de direita que emergiram na internet após junho de 2013 passaram a utilizar o medo e a lógica comunista para julgar as ações do Partido dos Trabalhadores (PT).

Resultado de uma perspectiva defensiva e vigilante, a ironia e uma postura cínica por parte do emissor³⁴ dos memes analisados ficam evidentes. Dados factuais conectados ao imaginário procuram regular a vida social, controlar a vida coletiva e legitimar opressões. O mito do comunismo no Brasil passa a ser reatualizado por meio de memes que carregam a mensagem mitológica do mito político da Conspiração, muitas vezes ancorado nos outros três mitos identificados por Girardet (1987): o mito da Era de Ouro, o mito do Herói Salvador e o mito da Unidade. A possibilidade de um complô comunista no Brasil passa a validar a ordem social para parte da população. Em um contexto contemporâneo, elementos do imaginário comunista datado do século XX são propagados por meio dos memes da internet. Os memes de discussão pública analisados nesta pesquisa cumprem o papel de explicação para aqueles que buscam compreender o presente por meio de uma lógica reacionária e fascista.

³⁴ Considera-se a página do Facebook *O Retrógrado* como emissor. A página enquadra-se no conceito de comunidade virtual presente na cibercultura.

Referências bibliográficas

- AB'SÁBER, Tales. **Dilma Rousseff e o ódio político**. São Paulo: Hedra, 2015.
- ALDÉ, A. **A construção da política**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Antropos, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**. 2014. Disponível em <http://lelivros.love/book/baixar-livro-cegueira-moral-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em 24 de maio de 2017.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica (5ª versão)**. In: BENJAMIN, Walter. *Estética e sociologia da arte*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BLACKMORE, S. The power of memes. In: **Scientific American**, v. 283, n. 4, 2000.
- BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens** / Susan Buck-Morss; tradução de Ana Luiza de Andrade; revisão técnica de David Lopes da Silva. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.
- BUCK-MORSS, Susan. **Estética e anestésica: uma reconsideração de A obra de arte de Walter Benjamin**. In: Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção / Walter Benjamin [et al.]; tradução Marijane Lisboa e Vera Ribeiro; organização Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2016.
- CAPPELLA, J.; JAMIESON, K. **Spiral of cynicism: the press and the public good**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHAGAS, Viktor. “NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO”: cultura política, humor e intertextualidade nos memes das Eleições 2014. In: Cervi, Emerson U; Massuchin, Michele G; Carvalho, Fernanda C de (org.) **Internet e Eleições no Brasil**. Curitiba: CPOP (grupo de pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública), 2016^a. 430 p. 1ª edição. E-book versão PDF.
- CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda; RIOS, Daniel; MAGALHÃES, Dandara. A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. In: **Intexto**, 38, 2017.

CHAGAS, Viktor; TOTH, Janderson Pereira. Monitorando memes em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (orgs.) **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016.

DAWKINS, Richard. **O gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FONSECA, André. **Política, religião e o inconsciente (Introdução aos estudos de mitologia política - Parte 2)**. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/GFCh45xjenA>>. Acesso em: 05 de novembro de 2015.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas** / Raoul Girardet; tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 p. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Universidade de Brasília, Brasília (DF). Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf>.

HSIEH, H. F.; SHANNON, S. E. Three Approaches to Qualitative Content Analysis. Qualitative Health Research. Thousand Oaks, v. 15, n. 9, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/1049732305276687>.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-cultura-da-convergencia-henry-jenkins-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em 28 de novembro de 2017.

_____; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KAYSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: **Direita, volver!**: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORAIS, Isabela Nogueira. **Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea** / Isabela Nogueira de Moraes; orientador Dr. Carlos Aguiar de Medeiros. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.ie.ufrj.br/images/pos-graduacao/ppge/Isabela_Nogueira_de_Moraes.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2017.

NETTO, José Paulo. **O que todo cidadão precisa saber sobre comunismo**. São Paulo: Global, 1987.

RECUERO, Raquel da Cunha. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, vol. XXVIII, n. 68, maio-agosto 2014.

_____, Raquel. **Análise de redes para mídia social** / Raquel Recuero, Marco Bastos e Gabriela Zago. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

RODRIGUES, Robério Paulino. **O colapso da URSS: um estudo das causas** / Robério Paulino Rodrigues; orientador Osvaldo Coggiola. São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11072007-112541/pt-br.php>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia** / Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgei Starling – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SHIFMAN, Limor. **Memes in Digital Culture**. London: MIT Press, 2014.

SILVA, J.M. **1964 – Golpe Midiático-Civil-Militar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. In: **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

TAECHARUNGROJ, V.; NUEANGJAMNONG, P. Humour 2.0: styles and types of humour and virality of memes on Facebook. **Journal of Creative Communications**, Thousand Oaks, v. 10, n. 3, p. 288-302, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0973258615614420>.

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

ANEXOS

Tabela 5 - Memes sobre o mito político da Conspiração

Feminismo	94
“Ideologia de gênero” e Escola Sem Partido	31
Islamismo, Intolerância religiosa e xenofobia	37
Lula, Dilma e Partido dos Trabalhadores	160
Movimentos Sociais	46
Socialismo, comunismo e esquerda	270

Fonte: Autoria própria

Tabela 6 - Memes sobre o mito político da Era de Ouro

Ditadura Civil-Militar, presidentes militares e intervenção militar	48
Modos de vida e valores	81

Fonte: Autoria própria

Tabela 7 – Memes sobre o mito político do Herói Salvador

Bolsonaro	87
Donald Trump	49

Fonte: Autoria própria

Tabela 8 – Memes sobre o mito político da Unidade

Animais	22
Drogas	15
Educação	16
Família	20
Nacionalismo	09
Polícia e criminalidade	165
Política	303
Porte de Armas	65
Racismo e cotas	06
Religião (cristianismo)	39
Valores	759

Fonte: Autoria própria

Tabela 9 – Imagens e memes que não se enquadram em um conjunto mitológico específico

Outros	274
--------	-----

Fonte: Autoria própria